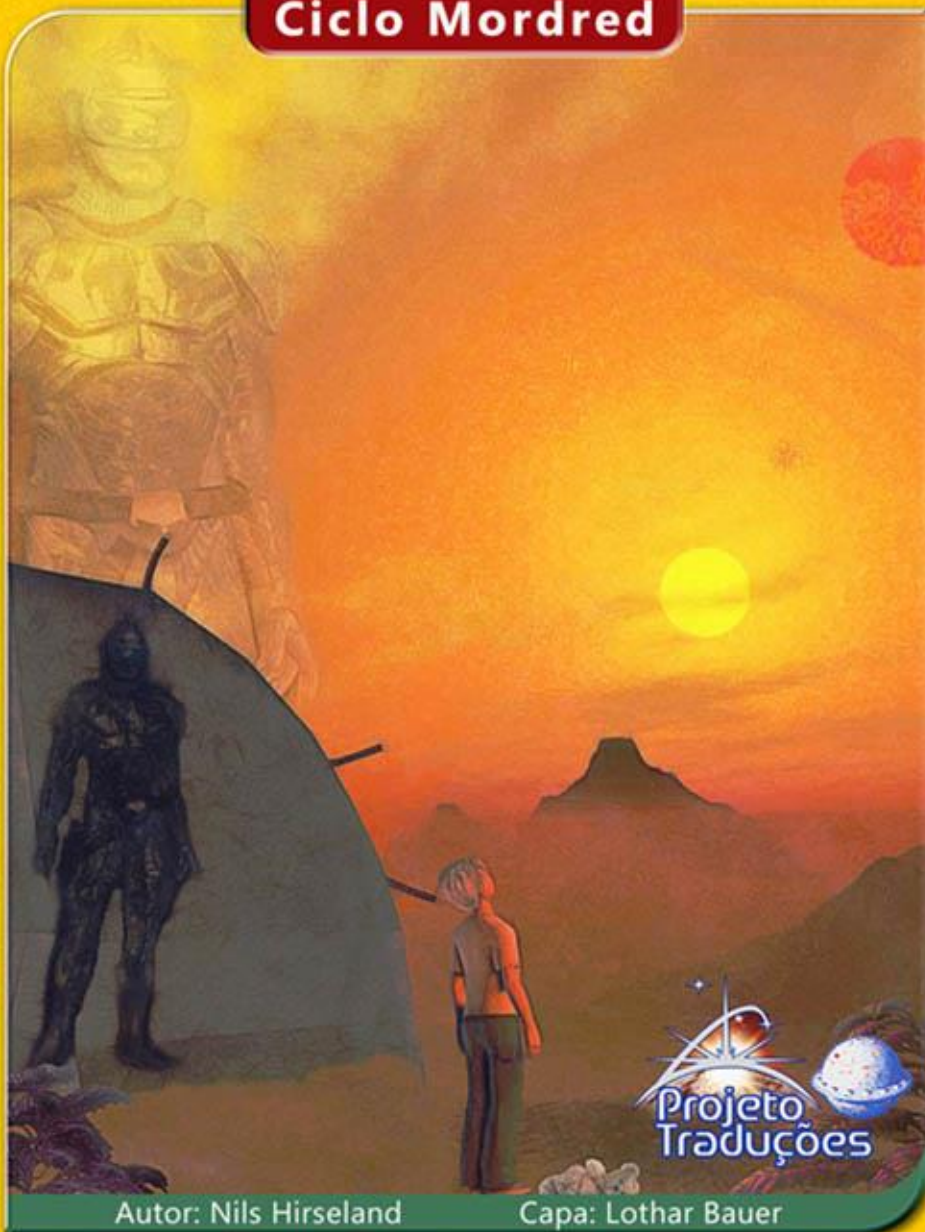


Ciclo Mordred



Autor: Nils Hirseland

Capa: Lothar Bauer

Projeto
Traduções

DORGON

nº2

Um menino chamado Cauthon Despair

Ele conhece Perry Rhodan e seu destino

www.projtrad.org/dorgon

DORGON

Fan-Projekt des Perry Rhodan Online Clubs

CICLO MILDRED

2

UM MENINO CHAMADO CAUTHON DESPAIR



por
Nils Hirseland

IMAGENS DA CAPA
STEFAN LECHNER





Título original:

Ein Junge namens Cauthon Despair

Tradução:

Márcio Inácio Silva

Revisão:

Marcel Vilela de Lima

Marcos Roberto

Formatação final para liberação no Projeto Traduções:

Márcio Inácio Silva

Capa em português:

Manuel de Luques

Conversão para os formatos ePub, PDF e Mobi:

José Antonio

Publicação não comercial



O projeto Dorgon — ciclo Mordred — é uma publicação não comercial do PERRY RHODAN ONLINE CLUB e. V.

A tradução para o Português do Brasil é feita com autorização de Nils Hirseland.

Perry Rhodan® é uma marca registrada
Verlagsunion Erich Pabel – Arthur Moewig KG (VPM KG), Rastatt, Germany,
Star Sistemas e Projetos Gráficos Ltda., Belo Horizonte, Brasil

www.projtrad.org/dorgon

dorgon@projtrad.org

Índice

O que aconteceu até agora.....	7
Prólogo.....	8
Capítulo 1.....	11
Capítulo 2.....	14
Capítulo 3.....	18
Capítulo 4.....	28
Capítulo 5.....	35
Capítulo 6.....	40
Capítulo 7.....	45
Capítulo 8.....	51
Capítulo 9.....	57
Capítulo 10.....	63
Capítulo 11.....	67
Capítulo 12.....	74
Capítulo 13.....	77
Epílogo.....	78
Comentário.....	79
Glossário.....	80

O que aconteceu até agora

Em 1273 NCG a situação na Via Láctea está tensa. A Liga dos Terranos Livres, O Império de Cristal de Árcon e o Fórum Raglund são os principais blocos de poder na galáxia. Eles desconfiam uns dos outros e a comunidade internacional do Galacticum está em desacordo.

Os portadores de ativador celular do grupo de Perry Rhodan já se retiraram para Fênix, o antigo mundo do livres-mercadores e fundaram a organização Camelot.

Neste tempo turbulento, cresce um menino, cujo nascimento atraiu atenção há pouco mais de oito anos. Os seus pais e os seus colegas — uma equipe de cientistas de Camelot — foram brutalmente assassinados. Isso foi parte de um plano, porque o menino deverá se tornar um Filho do Caos.

Personagens principais deste episódio:

Cauthon Despair

Uma criança que vive isolada encontra Perry Rhodan.

Perry Rhodan

O portador de ativador celular cuida do jovem Despair.

Gucky

O rato-castor desempenha novamente o papel de Salvador do Universo.

Ivy e Tuzz Gênero

Tia e tio de Cauthon Despair.

Coronel Kerkum

Governante do planeta Mashratan.

Wirsal Cell

Instrutor na academia espacial de Port Arthur.

Prólogo

Eu tinha conseguido! Eu realmente tinha conseguido! Era difícil de acreditar, mas agora eu estava sentado no *meu* pátio da *minha* tranquila propriedade, apreciando o ar fresco, o chilrear dos pássaros.

Eu tinha escolhido Siena na Toscana para minha nova casa, porque eu estava impressionado com os edifícios seculares. Siena me dava, com as suas instituições culturais e as muitas atrações cuidadosamente restauradas, a sensação de poder me desligar da agitação das cidades do Império Estelar. Minha casa de campo estava um pouco fora da cidade, numa pequena colina com excelente vista para natureza paradisíaca.

Finalmente, eu tinha seguido o chamado de meu irmão Borrom e a sua esposa Anne-Lee, que moravam na Inglaterra. Mas o tempo estava para lá de mal-humorado, apesar do controle do tempo feito por NATHAN.

Borrom e Anne-Lee me vieram visitar com a minha adorável, mas choramingona sobrinha Nataly. Com os seus três anos e meio de idade, ela tinha muita energia e temperamento.

Enquanto a pequena Nataly gritava e chorava com um rosto vermelho, porque não conseguiu um segundo pedaço de bolo, eu li um comunicado de imprensa da Liga Hanseática Cósmica. Um porta-voz hanseático chamado Arno Gaton, que era o responsável pelo mercado de turismo e lazer, anunciou a construção da maior nave espacial de luxo na galáxia. A Liga dos Terranos Livres, claro, subsidiaria a construção com bilhões de galax¹. Que outra escolha ela tinha, após a LTL ter assumido a Liga Hanseática Cósmica quase cinquenta anos atrás?

A construção desta espaçonave deveria durar 12 anos. Arno Gaton esperava o voo inaugural em 1285 NCG.

Esse era um tempo muito longo, mas a LONDON, o nome então da espaçonave não deveria ser um pequeno escaler, mas, uma nave de cruzeiro com cerca de 1.500 metros de comprimento. Bem, eu pessoal e realmente não gostava de cruzeiros. Mas já havia pessoas que certamente queriam garantir desde agora cabines para o primeiro voo.

A Liga Hanseática Cósmica queria ganhar prestígio com este projeto. A mais moderna nave de luxo deveria ser construída na LTL. Arcônidas, blues, tópsidas, saltadores e todos os povos teriam que confiar no produto da Liga Hanseática Cósmica e usá-lo. Algo melhor, a LTL não poderia imaginar.

A Liga Hanseática há muito tempo não estava bem. Por causa da nacionalização, o preço das ações tinha deslizado para o porão. Apesar dos muitos céticos, havia

¹ Nota do tradutor: o galax é a moeda comum em grande parte da Via Láctea. O precursor da moeda no Império Solar foi até o ano 61 NCG o solar. 108 bilhões de galax — foi o preço de venda da BASE em 1229 NCG.

menos subsídios do governo na economia. Outros haviam se congratulado com esse passo.

Buddicio Grigor fora um Primeiro Terrano popular. Ele tinha seus partidários e a sua ideologia tinha aceitação generalizada. A grande maioria dos cidadãos desejava o desenvolvimento de uma LTL forte, que oferecesse resistência ao Império de Cristal e ao Fórum Raglund.

Os séculos de isolamento dos povos galácticos e a dificuldade dos terranos na rede simusense tinham deixado a sua marca. Junto com isso, o reassentamento totalmente descoordenado e apressado de vários colonos tinha criado enormes problemas sociais na Terra.

A união, que havia crescido após o término da invasão lare de 1.273 anos atrás, tinha sido novamente destruída pela sinistra era de Monos. Mesmo 130 anos após o fim da ditadura de Monos, a desintegração dos antigos valores ainda se fazia sentir. Muitos povos galácticos eram desconhecidos, procurando a sua própria identidade, enquanto se focavam em suas casas e conhecidos.

Com Grigor, muitas coisas haviam mudado na LTL. O curso era mais nacionalista, mais áspero e também voltado contra os heróis do passado — os portadores de ativador celular. O grupo liderado por Perry Rhodan foi literalmente desmontado sob Grigor. O Primeiro Terrano tinha amigos na imprensa e na indústria. Através de campanhas dispendiosas, tinha criado sentimentos orientados e contrários a Rhodan. Infelizmente, com sucesso, porque os imortais tinham se retirado do palco da LTL, exceto Myles Kantor, e fundado a organização Camelot em 1235 NCG.

Um grande golpe para os imortais tinha sido a venda da BASE. A venerável nave, por causa da idade, agora servia como cassino em Stiftermann III. Um lugar indigno para uma das mais históricas espaçonaves da Humanidade.

Grigor tinha deliberadamente quebrado as antigas tradições dos imortais, para confirmar a sua própria legitimidade.

Mas, sob seu sucessor Medros Eavan, o fluxo tinha mudado. Ele coincidiu com as verdadeiras tendências pró terranas de Grigor, mas o conselheiro e patrono de Eavan era nostálgico e ansiava por um novo Império Solar.

A LTL deveria ser a maior potência militar, econômica e territorial da Via Láctea. Essa era a meta dos terranos, que hoje, no governo do Primeiro Terrano Medros Eavan, tinham os seus dedos no jogo.

Oh, bem, eu estava divagando muito. Voltando novamente ao comunicado de imprensa da Liga Hanseática, que tinha sido ultrapassada há décadas por outras empresas, como a Taxit camelotiana ou as indústrias terranas Shorne. A vantagem da Liga Hanseática estava no fato de que ela era controlada em mais do que 50 por cento pela LTL, e por isso agia em favor da Liga. Ela era, talvez, mais valiosa para os governantes atuais como uma empresa que talvez desse mais lucros somente para a Liga, mas que poucos ou ninguém se beneficiasse.

Agora, doze anos eram muito tempo. Até lá, podia acontecer muita coisa. Eu estava aqui na Terra, a desfrutar a bela natureza no estado da Itália, mas a atmosfera dentro da população terrana era estranha. Ela estava desconfiada e eu estava me

perguntando se, talvez, não fora um erro excluir Perry Rhodan e seus companheiros da Liga?

A partir das crônicas

Jaaron Jargon

Em fevereiro de 1273 NCG

Capítulo 1

O coelho do festival

Estava apenas alguns centímetros na minha frente. Mas eu não poderia simplesmente ter acesso. O guarda era muito forte. À esquerda e direita sentavam-se os aracnídeos gigantes em suas redes, à espera de que eu fosse descuidado. Eu imaginava um destino terrível em minha mente. As aranhas arrancariam cada um dos meus dedos, rastejariam nos meus braços até o meu rosto e logo isso aconteceria comigo.

Um calafrio percorreu minha espinha. O que eu deveria fazer? Olhei ao meu redor e encontrei uma arma adequada. Lentamente, eu fui com a vara até a moita escura da selva e tateei o caminho a seguir para o objeto do meu desejo.

Eu não tirei nem por um momento os olhos dos aracnídeos. Eles eram conhecidos por seus ataques rápidos como relâmpagos.

Minhas mãos tremiam de excitação. Lembrei de me forçar a me recompor. Finalmente eu estava pronto. Eu tive que rolar lentamente o objeto para mim, com a vara. Então...

Então ele fez um *splash* e eu fui empurrado de lado por Aleks Shyff. Com as suas botas quadráticas, ele atropelou não só os aracnídeos, mas também esmagou o ovo. Eu tive que segurar as lágrimas. Meu peito doía e meu ovo estava quebrado.

— Por que você está deitado aqui assim, Cauthon? — Gritou tia Ivy e se virou aborrecida para mim. Eu me sacudi quando ela me puxou para cima, ao me agarrar pelos braços.

— Você tem que me envergonhar em todos os lugares? Aqui há um monte de clientes meus; olhe para eles: são pais elegantes e as suas crianças modelos. O que eu tenho em vez disso?

— Eu sinto muito, tia Ivy.

Ela suspirou e retirou com tapinhas a terra das minhas costas e das calças.

— Eu sabia que não queria ter filhos. Mas então minha irmã teve que simplesmente morrer. Será que ela já estava pensando pelo menos por um momento em mim?

— Não, provavelmente não, tia Ivy...

— Sim, típico dela. Agora se comporte um pouco. Nós vamos para o *buffet*. Contanto que você não seja totalmente impertinente.

Eu como muito bem para os meus oito anos, civilizado e ordeiro. Eu não sabia por que tia Ivy estava sempre em torno de mim e me atormentando. Ela foi muito injusta em dizer isso. Ela não me ama. E o tio Tuzz gostava tão pouco de mim quanto ela. Ele quase nunca cuidava de mim e investia muito, muito mais tempo, nas mães das outras crianças. Talvez por isso tia Ivy fosse tão amarga.

Chegamos no *buffet* e eu já queria voltar. Aleks Shyff e seu amigo Krizz Hypp estavam lá. Eles eram uma cabeça mais altos do que eu e uma classe mais avançada. Eles já me olhavam com desconfiança e eu preferia afundar no chão. Com certeza eles queriam me espancar novamente.

Tia Ivy me entregou um prato de salada de batata e duas salsichas quentes. Eu fiquei na sua vizinhança imediata, de modo que Krizz e Aleks não pudessem ter ideias. Então escutei a conversa entre ela e os outros pais. Tia Ivy falou sobre a arte de seu salão de beleza e deu uma palestra sobre um tratamento com algas arcônidas para os pés. Que excitante. Eu gostaria de brincar de futebol com os outros meninos, mas nunca me deixavam jogar. Eu era invisível para eles e quando permitiam, eles me batiam constantemente.

Tio Tuzz veio cambaleando em nossa direção. Ele me deu um tapinha na cabeça e pegou o braço da tia Ivy. Ela torceu a boca rapidamente, o que significava que ele cheirava muito a álcool. Mas já um momento depois, ela ria calorosamente e o beijava.

Ela anunciou com orgulho que seu marido tinha feito importantes negócios para a agência de seguros Taxit. Homer G. Adams tinha feito pessoalmente importantes declarações e ele recebeu um prêmio, como o empregado de maior sucesso do ano. Ela disse, mas apenas para que outros pais admirassem. Aparentemente isso era a coisa mais importante para o meu tio e minha tia. Eles queriam se tomar o centro do palco e ser adorados. Eu era bem diferente. Além disso, ninguém me admirava.

Tia Ivy era mais bonita do que muitas outras mães ou tias. E o tio Tuzz era considerado um homem bonito. Eu era um menino pequeno, rechonchudo, com quem ninguém queria jogar.

Eu estava ansioso para chegar em casa. Porque lá eu me sentia seguro. Após um tempo interminável deixamos a breve festa do município norte de Port Arthur. Tio Tuzz já não era capaz de controlar o seu planador e tia Ivy não tinha nenhum desejo de fazê-lo, por isso a sintrônica assumiu o voo para casa.

Nós ficamos em silêncio por toda a viagem. Eu estava com medo de dizer alguma coisa, apenas para ser censurado. Quando chegamos em casa, tio Tuzz cambaleou até o banheiro, enquanto minha tia conversava com a sua amiga pelo intercomunicador sobre os eventos do dia. Ela lamentava sobre o quão difícil era tratar as unhas dos pés das oxtornenses e que ela precisava de instrumentos muito especiais, pois as unhas das oxtornenses eram extremamente resistentes.

Cuidar de mim um pouco. Mesmo que ela estivesse pouco interessada em mim, eu tentaria dar uma boa impressão para tia Ivy, então ela não me notaria mais, ela só sorriria brevemente e me ignoraria dali em diante.

Ninguém reparou em mim, então eu fui até as escadas para o meu quarto. Afinal de contas, alguém estava feliz em me ver, se é que se podia chamá-lo assim.

* * *

— Mestre Cauthon, é bom vê-lo novamente — veio a voz metálica do servorrobô esférico Robbie.

Pelo menos ele estava lá para mim. Um robô era, ao lado de um cão, provavelmente o melhor amigo de uma criança. Eles não me deixavam ter um animal de estimação, porque seria muita sujeira. Robbie não faz nenhuma sujeira e se fizesse sujeira em algum lugar, então limparia.

Robbie era da série SDeRAI 1.2 da Whistler Company. SDeRAI significava — serviço doméstico e robô de assistência à infância. — Robbie tinha sido construída em 1149 NCG e infelizmente era obsoleto. O modelo não era mais comercializado, como também não havia mais nenhuma atualização de software existente para este modelo.

Atirei-me na minha cama e ativei o trivídeo. Infelizmente, nenhuma de minhas séries favoritas passava no momento. Em vez disso, eu *zapeei* entre as estações terranas que recebíamos em Camelot. Eu não entendia bem o porquê da Terra e Camelot não se gostarem, mas, provavelmente tinha algo a ver com Perry Rhodan.

Na *Terra Eagle-One* passava apenas um documentário sobre os soldados de elite da Liga dos Terranos Livres e a sua superioridade incomparável com todas as outras forças especiais no Universo.

Enfadonho!

Na *First Terrana Networks* passava um *reality show* sobre uma família de blues com cinquenta e oito membros, com problemas sociais na criação dos filhos. A superbabá epsalense deveria corrigir os problemas com os muitos filhos.

Na *Dai'Pre* passava um comercial sobre um novo ionizador de poeira que todos deviam ter, pelo menos na opinião dos apresentadores.

SolTel mostrava as notícias atuais da Terra. O Primeiro Terrano Medros Eavan anunciava, com o porta-voz hanseático Arno Gaton, a construção da nave espacial de luxo LONDON e prometia um enorme lucro e a criação de novos postos de trabalho por meio do projeto.

Havia mensagens semelhantes na TNT, TTV e TNR. E a *Vênus Star* transmitia mais uma incontável repetição do seriado de Gucky. Eu já o conhecia de cor.

Desliguei o trivídeo e fechei os olhos. Meu coração acelerou quando pensei no dia escolar de amanhã. Aleks e Krizz estavam lá e os professores, de qualquer maneira, não estariam ao meu lado. Eu queria abandonar a escola ou ir para outra escola, mas tia Ivy não queria.

Eu peguei o meu Gucky de pelúcia no braço e me aconchei firmemente a ele.

— Boa noite, Robbie!

— Boa noite, pequeno Cauthon!

Capítulo 2

O aniversário de dez anos

Não haviam aparecido muitos na festa de aniversário. Para ser preciso, eu estava sentado com meu robô raquítico sozinho à frente da mesa de jantar não muito abundante.

Então, esse era o meu décimo aniversário. Ele era como os outros aniversários.

Solitário!

Eu não tinha amigos. Já no jardim de infância eu era atormentado porque não tinha pais verdadeiros. As crianças tinham assumido que os meus pais verdadeiros não me queriam e, portanto, me expulsaram. Outras afirmaram que se teriam matado voluntariamente quando tinham me visto após o nascimento. Aleks Shyff disse que meu verdadeiro pai tinha provavelmente pulado com minha tia e eu seria um bastardo. O que ele queria dizer com isso, eu não entendi até hoje.

Eu também não sei por que os outros não gostavam de mim. Na escola não era diferente. Também lá, eu não encontrei nenhuma aceitação e estava sozinho. O que de melhor acontecia em minha vida escolar era quando ninguém me notava. Deste modo, pelo menos não havia represálias verbais ou físicas.

No começo eu tinha um amigo: Paolo, mas ele já tinha se afastado. Talvez fosse por minha causa, porque eu não acreditei que seria recebido bem por outras crianças. Esta timidez era interpretada pelos outros como arrogância.

Robbie era meu único amigo. Este velho robô redondo e barulhento com os dois braços de pinças era meu único confidente. Ele era minha família. Muito mais do que tia Ivy ou tio Tuzz jamais seriam.

Afinal de contas, eu tinha de agradecer a tio Tuzz por possuir Robbie. Ele o tinha comprado há dois anos de um revendedor de robôs usados por um preço de pechincha de 350 galax e me dado. Robbie estava sempre lá para mim — como um ser único. Ele era muito mais valioso do que esses 350 galax. Para mim, era impagável.

Meu presente deste ano foi um sistema de videogame com o mais recente sistema de som THX B-5000.5. Como tia Ivy ainda estava em seu salão de beleza e tio Tuzz, como sempre, fazia horas extras, eu tinha achado o presente na sala, depois que voltei da escola.

O próprio Robbie me tinha preparado a comida. Era como em todos os anos. Eu celebrei meu aniversário sozinho.

* * *

Eu joguei o jogo “Senhores da Galáxia” durante o dia todo. É verdade que os novos gráficos e o motor do jogo eram impressionantes. A batalha espacial entre os

terrano do Império Solar e os duplos dos Senhores da Galáxia ocupou todo o apartamento. Foi muito divertido.

Isso também tinha sido a única alegria. Tia Ivy veio brevemente, deu os parabéns e foi embora. Tio Tuzz tinha chegado algumas horas mais tarde e não tinha dito mais do que o necessário. Em seguida, ele saiu com uma garrafa de Vurguzz e tia Ivy.

Robbie estava tentando me animar realizando alguns truques que realmente me pareciam ridículos, o que de fato me provocou ao menos um sorriso.

— Tudo bem Robbie. Foi só mais um estúpido aniversário — eu disse, desanimado. — Simplesmente ninguém me quer...

Robbie flutuou até mim e colocou o braço de captura cuidadosamente sobre mim.

— Sim, pequeno Cauthon, eu quero!

Olhei sério para ele.

— Você está programado para passar um tempo comigo. Voluntariamente você também não faria isso.

— Sim!

— Você está brincando!

— Robôs não fazem tal coisa.

— Então, você é meu único amigo!

Robbie deu um pulso em seu braço de captura, o que causou uma pequena pressão, porque ele sabia que as pessoas gostavam quando eram pressionados suavemente.

E fez isso bem!

— Melhor esse amigo do que não ter nenhum.

Eu joguei um pouco mais. Robbie estava, tanto quanto poderia a inteligência artificial dele, obviamente impressionado com minhas habilidades. Eu realmente guiei o caça espacial habilmente através das linhas inimigas.

— Algum dia eu também quero ser um piloto espacial.

— Um dia você vai ser um piloto espacial!

Isso me deu coragem.

Em qualquer caso, eu não queria pintar as unhas dos pés ou vender seguros, como meu tio e tia faziam.

Eu salvei o nível e terminei com o jogo por hoje.

Robbie entrou em modo de suspensão.

Mas eu ainda não estava cansado. Então, fiquei acordado na cama.

Tia Ivy e tio Tuzz faziam barulhos engraçados. Eu não conseguia dormir e não queria ouvir os gritos, isso me causava medo e desconforto. Eles estavam brigando?

Eles focavam só neles e quase não tinham tempo para mim. Hoje era o meu aniversário! Eles eram tão desagradáveis e cruéis comigo! Talvez eu devesse fugir. Sim, eu tinha que ir embora daqui, começar uma nova vida.

Eu me vesti e subi lentamente as fixações da janela na parede e com alguns passos estava na árvore do jardim junto à grade.

— Olá, homenzinho.

Fiquei chocado. Meu coração bateu até o pescoço e minha circulação rebelou-se excitada. Da escuridão atrás da árvore emergiu uma figura sinistra. A luz do meu quarto fornecia brilho suficiente para ver o ser desconhecido. Ele estava envolto num manto azul-cinza.

— Não tenha medo de mim. Você é um dos poucos que não precisa ter medo de mim.

— Quem... quem... quem...

Eu não conseguia dizer outra palavra. Eu estava apavorado.

— Um Amigo! Já passou da meia-noite. O que você faz aqui no meio da noite?

Eu não podia ver o rosto do estranho porque estava coberto pelo capuz e ele manteve a cabeça baixa. Por que ele seria um amigo? Ele disse isso com firmeza! Ele certamente queria me sequestrar e fazer algo comigo, o que mais. Na escola, eles sempre dizem que eu nunca devo sair com estranhos.

Olhamos um para o outro por um tempo. O desconhecido mostrou paciência comigo. Isso me impressionou. Outros teriam gritado comigo para que eu dissesse algo.

Finalmente, eu quebrei o silêncio.

— Eu tenho 10 anos de idade e já estive ao ar livre à meia-noite antes — eu disse desafiadoramente. — De qualquer maneira, meu tio e minha tia não se importam aonde estou. Talvez eles sintam minha falta se eu fizer a minha primeira fuga e percebam o que há de errado com eles.

O desconhecido riu roucamente.

— Não, eles não vão. Eles certamente iriam procurá-lo porque teriam medo de serem punidos pelas autoridades. Mas não por sua causa, pequeno Cauthon Despair.

Agucei os ouvidos. Ele sabia o meu nome! O homem finalmente tirou o capuz. Ele não tinha cabelo, a cor da pele era avermelhada. Notei a estranha tatuagem na testa e os olhos vermelhos dourados pareciam assustadores e atraentes ao mesmo tempo. Pareceu como se eu o conhecesse. Sim, ele parecia vagamente familiar para mim.

O desconhecido se inclinou para mim. Ele sorriu.

— Volte para eles. Você ainda precisa deles. Isso vai mudar algum dia, mas até lá passarão alguns anos.

O homem me agarrou pelos ombros. Os seus olhos brilharam.

— Então o pequeno Cauthon está assim agora. Eu conhecia os seus pais. Eles lhe deram o meu nome.

O quê? O homem tinha conhecido os meus pais? Ele se levantou. Não, ele não deve ir! Ninguém me disse nada sobre meus pais. Eu sabia muito pouco sobre eles.

— Eu sou Cau Thon! Mas guarde isso para você. Nós nos encontraremos novamente, pequeno Cauthon. É uma promessa!

— Cauthon? — Robbie gritou da casa.

Eu me virei e disse que estava tudo bem. E então Cau Thon tinha desaparecido. Voltei para a casa e não sabia o que pensar. Que bom, o desconhecido Cau Thon sabia sobre os meus pais e eles tinham aparentemente gostado dele, pois me deram seu nome, embora meu primeiro nome fosse pronunciado na linguagem terrana.

Robbie me ajudou a subir de volta para o meu quarto. O tio Tuzz e a tia Ivy não tinham percebido nada, espero.

As suas reclamações também não me interessavam. Eu pensava sobre o estranho. Cau Thon, o amigo dos meus verdadeiros pais.

Capítulo 3

Escola

Abril de 1275 NCG

Eu odiava a escola! Isso provavelmente não era incomum para um garoto de 10 anos. Meus colegas de classe gostavam tão pouco quanto eu. Havia alguém que poderia gostar desta instituição? Mesmo os professores pareciam sempre tão estressados e desmotivados, como se não tivessem vontade de nos ensinar.

Então por que havia a escola? Este era um segredo que provavelmente só resolveria como adulto.

Não, eu já sabia que o conhecimento significa poder e eu de maneira nenhuma queria tropeçar como um idiota pela vida. Infelizmente, a maioria dos colegas da classe — como dizia minha professora, eu os chamava de meus inimigos de classe — não tinham a minha visão das coisas. As suas performances eram de mal a pior, enquanto a minha era acima da média. Infelizmente isso não contribuía para a minha popularidade.

Nas culturas mais primitivas, seres mais sábios eram adorados como deuses. Dentro da minha classe, eu era desprezado. Era especialmente ruim desde que Aleks Shyff e Krizz Hypp tinham sido transferidos para a minha classe.

Eles nunca gostaram de mim e eu sofria de tristeza todo dia na escola. Cada respiração poderia dar início a um novo desafio. Eu estava com medo e realmente apenas esperava que a escola passasse rapidamente, junto com as náuseas e dores de barriga em casa no dia seguinte para pensar.

Isso interessava muito pouco a tia Ivy e tio Tuzz. Mesmo os meus professores não se importavam. Eu era apenas o pequeno e sem importância Cauthi², que ninguém amava.

Meus “colegas” me tratavam repetidamente como um idiota, mesmo que eu fosse, sem dúvida, mentalmente superior a eles. Mas eu me rebelei e a chicana só piorou.

Como eu deveria me defender contra 21 crianças? O que eu podia fazer para lhes ensinar a ter respeito? Eu não era forte, não era popular e tinha um monte de problemas de circulação. Meu coração já estava acelerado quando entrei no prédio.

Eu estava sozinho. Como sempre! Provavelmente, tudo teria sido diferente se os meus pais ainda estivessem vivos. Mas um acidente a bordo da HAWKING os havia tirado de mim. Eu não sei muito sobre eles. Ninguém me dizia. Foi dito que meus pais

² Nota do tradutor: No Dorgon 1, chamavam ele carinhosamente de Cauthinho, mas tratava-se de um recém nascido. Agora, quando chamam ele carinhosamente, usam a corruptela Cauthi que nem mesmo chega a ser um apelido ou diminutivo. Optamos por deixar como no original, por não se tratar mais de um bebê.

e os seus colegas tinham ido para o paraíso devido a uma avaria na espaçonave. Eu tinha sido o único a sobreviver na sala de segurança.

Eu tinha, pelo menos, algumas fotos holográficas de mamãe e papai. Isso era tudo que eu tinha. Às vezes — quando estava muito solitário — eu imaginava que eles ainda estavam vivos e nós levávamos uma vida familiar normal. Eu tinha então ampliado os hologramas e desta forma criado um quarto para mim. Mamãe e papai estavam sentados ao meu lado e eu agia como se nos falássemos. Se a tia Ivy e o tio Tuzz tivessem notado isto, eles teriam me repreendido e dito que eu deveria parar de fazer essa bobagem.

O que me restava, além da minha imaginação, para obter uma infância feliz, pelo menos por alguns minutos?

Se não fosse o meu velho Robbie, quem sabe o que teria sido de mim. Uma máquina era o meu único ponto de *referência* humano.

Hoje, a escola foi novamente uma provação absoluta. Krizz, Aleks e o seu amigo Borner anunciaram na classe que eu era um fedorento e cada um dos meus poros emanava mau cheiro. Claro que isso era inventado, mas isso não incomodava os outros colegas. Eles riram de mim.

Durante a aula de biologia da professora Siefran Wyk eles novamente começaram a rir de mim. Um fio de cabelo meu ficou preso. Isso foi motivo suficiente para rirem de mim. Eu não era capaz de atender as suas exigências perfeccionistas. Eu sabia que não podia me permitir qualquer fraqueza, porque senão eles sempre encontrariam uma razão para acabar comigo.

Eles tinham que olhar para si mesmos, pelo menos uma vez. Eles eram intelectualmente inferiores a mim, uns canalhas sórdidos! O conhecido jornalista Bekket Glyn tinha falado frequentemente “somente a verdade” no seu programa *Terra Eagle-One* sobre esses descendentes da Terra, ele os descreveu como uma subclasse de estúpidos preguiçosos. Ele os tinha apelidado de escória da Terra. Sim, ele estava certo!

Eu não tinha feito nada para eles! Por que, então eles me atacavam diariamente? Por que ninguém me ajudava?

No final do dia, o diretor veio em pessoa na classe. Eu suspeitava que ele anunciaria algo importante. O homem de testa alta e óculos se aproximou da mesa da professora e cruzou as mãos na frente de sua barriga.

— Queridas crianças! Na próxima semana, Perry Rhodan vai visitar a nossa escola!

A sua voz expressava alegria e euforia. Mas muitas crianças reagiram de forma diferente do que ele tinha aparentemente imaginado. Elas simplesmente não estavam interessadas. Isso também não me surpreendeu. Até mesmo aqui em Camelot havia maiores heróis para nós crianças. Atores ou músicos, por exemplo.

Eu, no entanto, esperava ansiosamente por Perry Rhodan. Ele era o meu ídolo!

* * *

Rápido assim eu raramente havia corrido para casa. Mas eu queria contar a boa notícia a tia Ivy e tio Tuzz. Robbie foi o primeiro a me cumprimentar.

— Perry Rhodan vem na próxima semana na escola — eu gritei mais alto do que o pretendido.

— Esta é uma grande honra — Robbie disse.

Mas o clima dos outros estava para baixo. Já a partir do corredor ouvi a voz do meu tio. Lentamente, eu fui para o apartamento e caminhei até a sala de estar.

— Sim, claro! Sempre minha culpa! Tolice, que culpa! Isso era uma transação absolutamente certa. Quem poderia imaginar que eles cancelariam o negócio? — Ele gritava para a sua esposa.

— Não me interessa. Nós desperdiçamos a comissão. Onde vamos arrumar agora tão rapidamente 38.000 galax? — perguntou tia Ivy exaltada.

— Nós podemos vender o novo planador. Ou você pode tomar um empréstimo com o estúdio de beleza — o meu tio propôs.

Eu só podia imaginar o que estava acontecendo.

— Olá! — eu disse baixinho.

— Eu não vou pegar nenhum crédito. Esse é o meu salão de beleza. Eu não vou deixar você falar ele, seu perdedor miserável!

Tio Tuzz se virou e olhou para mim sombriamente. Em sua mão ele segurava uma garrafa de Vurguzz.

— Vá para o seu quarto e cale-se! — tio Tuzz gritou comigo.

Eu fiquei com medo e corri imediatamente para o meu quarto.

Robbie estava esperando por mim.

— O seu tio está de mau humor...

— Pode-se dizer que: mais uma vez.

— Um negócio importante deu errado e, infelizmente, ele já recebeu a comissão. O seu tio agora tem uma pilha de dívidas.

— O que isso significa?

Robbie flutuou até mim.

— É como um jogo. Pessoas jogam com dinheiro, muitas vezes com dinheiro que elas não têm. Elas o fazem seguidamente, de modo a serem reconhecidas por outras pessoas. Mas é um jogo perigoso, porque se você perder, as consequências são muito desagradáveis.

Compreendi então lentamente. O tio Tuzz e a tia Ivy tinham vivido acima das suas possibilidades. O novo grande planador, as muitas festas, as roupas e aquisições caras — tudo o que tinham não podiam pagar. Tinham vivido com dinheiro emprestado, porque eles achavam que ainda ganhariam o suficiente. Agora o seu sonho tinha estourado.

Eu não entendo porque as pessoas fazem tanto barulho sobre dinheiro. Os portadores de ativador celular diziam que o dinheiro era apenas um meio para negociar e nada mais. O valor de uma vida sempre era maior em Camelot, não sendo necessário morrer de fome ou ter medo pela sua existência.

Ninguém iria nos por na rua. Eu disse isso a Robbie e o encorajei. Certamente ele tinha um pouco de medo também, pois os robôs eram capazes desses sentimentos por causa de seu componente biológico.

— Mas o seu tio e a sua tia não querem pertencer aos cidadãos mais pobres. Eles não vieram para Fênix para apoiar Perry Rhodan como agentes ou cientistas, mas para fazer negócios. Para eles, o dinheiro é um símbolo de *status*. Pertences são, para eles, a coisa mais importante e não uma tarefa nobre para a organização Camelot.

Eu não entendia isso. Eu pensava que todos os habitantes do planeta estavam a serviço dos portadores de ativador celular. Mas Robbie me informou que havia tarefas na sociedade que não tinham nada a ver com os planos de Perry Rhodan. Os moradores de Fênix precisavam de comida — um padeiro ou um cozinheiro eram agentes? Não eles não eram.

Embora o trabalho e vida em Camelot sejam assunto de sigilo absoluto, os membros da Organização Camelot precisavam de comida, entretenimento, cuidados, serviços bancários, seguros e tudo o que também era necessário na sociedade de Terrânia.

— Essa é a diferença entre os seus pais e o seu tio e a sua tia. Os seus pais tinham seguido Perry Rhodan por razões idealistas. Isso não significa nada para Ivy e Tuzz. Eles estão aqui simplesmente por melhores oportunidades de carreira do que na LTL — disse Robbie.

É por isso que não tínhamos nenhum conhecido entre os agentes, os astronautas e os cientistas. No subúrbio de Port Arthur, onde morávamos, estava concentrado o setor de serviços civis inteiro.

— Isso significa que tio Tuzz e tia Ivy são pessoas mais pobres, porque eles representam apenas os seus próprios interesses?

Robbie se manteve em silêncio.

Provavelmente meu amigo metálico não sabia a resposta. Quanto mais eu pensava nisso, pior eu achava a atitude dos dois. Eles eram egoístas, o que se refletiu na forma como fui educado. Eles cuidaram de mim, obviamente porque tinham que fazê-lo. Mas eles não me amavam. Eles nunca me tinham dito que me amavam.

— Eu queria que meu pai e minha mãe estivessem aqui...

Mas eles não estavam. Eu sentia falta deles, embora os conhecesse apenas através de fotos e de histórias.

Eu sofria com esta solidão. Mas uma coisa eu sabia muito bem. Eu nunca quis ser como meus tios. Tão vazios, tão insignificantes!

Eu queria ser alguém especial. Todos eles deveriam ter um grande respeito por mim!

Talvez a minha carreira já fosse começar na próxima semana quando eu conhecesse Perry Rhodan. Isso me deu coragem. Eu esperava ansiosamente por isto.

* * *

Naquele dia eu fui muito cedo para a escola, porque era o dia em que Perry Rhodan visitaria a escola primária.

Eu estava animado e não podia esperar. As aulas me pareciam infinitamente longas. Então finalmente aconteceu. O diretor veio para a classe e levou os alunos para o auditório. Eu corri na frente e conseguiu um lugar na primeira fila.

Dez oficiais de segurança, com um olhar carrancudo, estavam em pé ao redor do portador de ativador celular.

Perry Rhodan estava apenas parcialmente visível no meio da multidão. Eu vi o seu cabelo loiro. Em seguida, as forças de segurança se retiraram ligeiramente. Agora eu via o meu ídolo! Meu coração estava batendo mais rápido. Acima de tudo eu queria acenar e gritar: — Eu estou aqui!

Perry Rhodan usava um conjunto cinza-escuro. Ele não estava de uniforme, mas isso lhe dava dignidade. O carisma deste homem era enorme.

A lenda Perry Rhodan!

O primeiro homem na Lua!

O homem que tinha unido a Humanidade e levado os terranos para o espaço sideral!

O homem que tinha derrotado os Senhores da Galáxia!

O terrano que tinha sobrevivido a tantos perigos. E tinha se negado a responder à Terceira Pergunta Definitiva na Montanha da Criação, com muita humildade e modéstia.

O homem que tinha libertado a Via Láctea da tirania de Monos.

O homem que estava com mais de 2.900 anos de idade. Quem eram tio Tuzz e tia Ivy então?

Aqui estava Perry Rhodan!

Eu sorri sem parar e estava muito feliz, embora Rhodan não houvesse dito uma única palavra.

Agora Perry Rhodan subiu ao pódio. Eu reconheceria no escuro e a grande distância o seu rosto marcante com a pequena cicatriz no nariz. Mas agora, vê-lo pessoalmente, era algo completamente diferente.

— A escola é um lugar estranho — Rhodan começou, garantindo assim risadas concordantes. Eu aplaudi com entusiasmo.

— Quando eu tinha doze anos, um colega desalmado, chamado Vince Tortino, havia roubado um globo celeste. Isso era algo como um mapa estelar numa firme bola redonda.

Ninguém sabia o que era um globo. Tinha que ser uma relíquia antiga. Afinal, Rhodan tinha acabado de nos explicar. As pessoas de 3.000 anos atrás tinham, assim, colocado seus mapas estelares em bolas redondas. Interessante!

— Bem, esse cara me acusou de ser o suspeito e ninguém acreditava na minha inocência. Meus pais me mandaram para o meu tio, na Flórida. Lá eu experimentei minhas primeiras aventuras e prometi a tio Karl que eu iria para o espaço.

Rhodan fez uma pausa.

— Se Vince Tortino não tivesse colocado meu mundo em movimento, eu poderia nunca ter seguido a carreira de astronauta. Quem sabe? Talvez AQUILO não

teria me ajudado. O que eu estou dizendo é: a escola pode ser estranha para vocês, chata e cansativa, mas ela prepara vocês para a sua vida. Ela lhes ensina as coisas mais importantes e define o rumo para o seu futuro. Então, sejam diligentes e deixem o incômodo irritante com confiança para trás.

Rhodan sorriu. Enquanto o diretor estava assistindo confuso às crianças aplaudirem Rhodan.

— A propósito, o processo de aprendizagem não termina de forma alguma com a escola. O Universo é cheio de mistérios e eu, com os meus 2.926 anos, sou um ignorante em muitas coisas.

Rhodan falou sobre a Organização Camelot. Havia coisas que já sabíamos da sala de aula. Ele explicou as suas motivações, por que ele e os seus companheiros relativamente imortais tinham fundado esta organização.

— A Via Láctea deu um grande passo para trás. A unidade entre os povos já não é tão forte como era no início da Nova Era Galáctica. A LTL, Árcon ou o Fórum Raglund acalentam a desconfiança dos outros poderes.

Nós em Camelot condenamos esta situação. Por isso defendemos que os povos da Via Láctea possam viver juntos com amizade e respeito mútuo. E espero que vocês também lutem para isto um dia.

— Sim — eu disse com entusiasmo.

Perry Rhodan olhou para mim. Meu Deus! Perry Rhodan olhou para mim! Eu! Incrível!

— O mundo de Fênix fornece o suficiente para uma vida normal. Mas é, em última análise, a sede de Camelot. E isso significa que precisamos de agentes, astronautas e cientistas que se coloquem ao serviço de Camelot.

“Vocês são os nossos descendentes!

Portanto, é importante que vocês não sejam apenas educados, mas, que também os seus corações conquistem em tamanho. Nós não queremos usar Camelot para lutar contra a LTL, Árcon ou o Fórum Raglund. Nós seguimos o nosso próprio caminho e temos que garantir o fim da escalada desta situação tensa.”

Uma estudante com sardas e cabelos castanhos fez uma pergunta. Ela era um ano abaixo de mim. Eu não sabia o seu nome. Rhodan acenou para ela.

— O que é que se agrava?

— O fato de que os seres da Via Láctea fazem coisas ruins e se machucam uns aos outros — Rhodan explicou para a criança. Claro que eu sabia o que ele queria dizer: *guerra!*

Eu sempre gostei de trabalhar com a história da Via Láctea. Eu sabia muito bem que houvera muitas guerras.

Os terranos e os seus colonos não foram felizes em impedir que Perry Rhodan os governasse. Por que não poderia ser como antes? Perry Rhodan voltando a reinar como o Administrador-Geral sobre um novo império Solar e Atlan o Imperador de Árcon.

Então a galáxia seria muito mais segura. Perry Rhodan e Atlan deveriam afinal conduzir os povos lemurenses. A superinteligência AQUILO não tinha encomendado isso a eles?

— ... E mesmo que tenhamos diferenças, nunca devemos nos esquecer que todos nós, nessa galáxia, estamos do mesmo lado. Nosso objetivo deve ser evitar um desastre dentro e fora da Via Láctea. Se você gosta dela, sugiro treinarem na Academia Espacial de Camelot. Mais sobre isso, o nosso comissário de educação, Wirsal Cell irá lhes explicar.

Anteriormente eu tinha dado pouca atenção ao idoso homem gordo, com cabelo cinza.

Com um leve sorriso, ele olhou para mim. Eu olhei para a esquerda e para a direita, mas não, ele estava olhando para mim. Como se me conhecesse. Mas como? Talvez ele apenas tinha notado a minha euforia.

Wirsal Cell limpou a garganta e olhou em volta com a boca ligeiramente aberta. Parecia que ele olhava com interesse para cada um dos estudantes. Mas tão rapidamente, ninguém poderia.

— Então, crianças. Camelot precisa de jovens, inteligentes e espertos. Vocês são a nossa juventude. Talvez um ou outro seja o futuro desta galáxia.

Wirsal Cell olhou para mim novamente. Nenhum engano. Ele me olhou diretamente nos olhos. Então ele olhou de volta para a massa de ouvintes.

— Os povos da Via Láctea – como Perry Rhodan já disse – estão numa névoa de confusão. A era de Monos ainda nos coloca no osso. Nós somos a última esperança para a paz em nossa galáxia. Quem quer fazer algo de sua vida e participar de algo importante, deve se preparar com a formação na nossa Academia Espacial. Perry Rhodan também começou assim há milhares de anos!

Estas palavras tiveram efeito. Como se estivesse hipnotizado, eu sentei na minha poltrona e escutei as palavras do homem.

Eu queria participar de algo importante.

Wirsal Cell deu uma palestra na próxima hora sobre os benefícios e as responsabilidades da Academia Espacial em Port Arthur. Após Perry Rhodan contar algumas anedotas divertidas e instrutivas.

No final, ele mais uma vez se virou para as crianças e perguntou quem queria se tornar astronauta. Muitas crianças gritaram e levantaram as mãos.

Claro que eu também.

Rhodan riu da euforia dos meninos e meninas.

Por que ele não me viu?

Aqui! Eu! Eu quero!

Rhodan ainda tinha que me notar. Eu me levantei e caminhei até as escadas para o pódio. Alguns dos meus colegas riram de mim. Sem me virar, eu sabia que eram Aleks e Krizz. Os outros se juntaram nas risadas.

Perry Rhodan e Wirsal Cell olharam para mim com expectativa. Meu coração estava disparado novamente e o estômago roncou. Agora eu era capaz de suportar qualquer constrangimento.

— Olá! — eu resmunguei.

Meus colegas riram muito mais alto agora. O que eu estava pensando? Eu era um imbecil!

Juntei toda a minha coragem e olhei firmemente nos olhos azuis de Perry Rhodan.

— Eu quero ser como você, Perry Rhodan!

Rhodan então se inclinou, ele estava no nível dos meus olhos. Ele colocou a mão no meu ombro esquerdo e sorriu suavemente.

Era um sorriso caloroso, amigável e tranquilizador.

— Qual é o seu nome, homenzinho?

— Cauthon... Cauthon Despair!

Por um momento, o rosto de Rhodan ficou petrificado, mas então ele começou a sorrir de novo.

— Se esta é a sua meta, a mantenha e não deixe que os outros possam dissuadi-lo. Você está no caminho certo.

Eu tirei uma pedra do coração. Oh, absurdo, um asteroide inteiro! Eu estava tão orgulhoso! Finalmente, uma vez eu tinha demonstrado a minha coragem e o próprio Perry Rhodan me levou a sério. Ele confirmou minhas intenções. As outras crianças haviam se calado.

Agora eu era mais uma vez, de forma positiva, o centro. Mas já era de novo passado, porque as crianças invadiram o palco e pediram autógrafos para Perry Rhodan.

Eles me empurraram para trás e Rhodan me perdeu de vista, enquanto estava ocupado tentando fazer feliz os outros pirralhos.

O que eles sabiam? Eles queriam apenas o seu autógrafo.

Eu assisti à agitação. De repente, alguém colocou as mãos nos meus ombros.

— Há um grande potencial em você — disse o homem atrás de mim. — Se você segurar firmemente o seu destino, nós nos encontraremos novamente em cerca de oito anos na academia.

Eu me virei lentamente e vi Wirsal Cell.

— Oito anos é muito tempo — eu disse.

Cell pigarreou.

— Bem, talvez nós possamos encurtar o tempo de espera um pouco — disse o instrutor e acenou para Rhodan.

O portador de ativador celular despediu-se das crianças e caminhou em nossa direção.

Eu já havia saído da minha excitação. Rhodan olhou curioso para Cell.

— Posso lembrá-lo da reunião com o Administrador de Mashratan? Ele insiste que você leve uma criança de Camelot.

Rhodan parecia um pouco irritado.

— Bem, eu não sei por que temos que discutir agora. Como Gucky descreveu esse coronel? Eu acho que ele usou a palavra déspota de carnaval. Eu não tenho certeza se devemos levar uma criança. Eu também não penso em nenhum candidato.

— Oh, quanto a isso, que tal o entusiasmado Cauthon aqui?

O quê? Eu? Sim!

Sim, claro. Eu. Me leve com você, Perry! Por Favor!

— O menino nunca deixou Camelot desde a sua chegada como um bebê. Eu quero negociar uma aliança com o coronel Kerkum e não ir para uma festa de aniversário de uma criança qualquer!

Rhodan olhou para mim. Ele viu a minha decepção. Eu não conseguia segurar as lágrimas. Eu queria, mas simplesmente não era possível. Na verdade, eu queria ser um homem forte, mas isso me doía tanto.

Aniversário de crianças! Eu era apenas lastro para ele! Está tudo acabado com a carreira de astronauta.

— Veja, Perry, agora ele está chorando por sua causa — Cell disse e me abraçou. Rhodan olhava para o chão envergonhado.

— Eu odeio quando as crianças choram. Você realmente quer ir, Cauthon?

Ele olhou profundamente em meus olhos. Eu soluçava um pouco, então eu acenei apressadamente.

— Nós voaremos para um planeta estranho com modos ásperos. Eu tenho que conduzir negociações com um governante excêntrico e eu não sei por que ele quer ter uma criança de Camelot nessa ocasião.

Eu entendi.

— Eu quero, senhor! Se ele insiste, porém, é melhor se a criança que for junto seja alguém entusiasmado.

Rhodan olhou para Wirsal Cell. O velho riu.

— O pequeno Despair tem uma lógica impressionante.

— Tudo bem então. Assumindo que o seu tio e a sua tia vão concordar.

Perry Rhodan sabia que eu morava com meu tio e tia. Como? Oh, não importa, ele era enfim Perry Rhodan e sabia de tudo.

— Eu falo com os dois — disse Wirsal Cell e virou-se para mim. — Já amanhã, eu o visitarei.

* * *

Depois que eu contei ao tio Tuzz e tia Ivy da minha conversa com Perry Rhodan e Wirsal Cell, eles riram de mim. Tuzz até mesmo queria me dar uma bofetada porque pensou que eu estava mentindo para ele.

Como eles podiam ser tão ignorantes? No dia seguinte, a sua presunção sumiu quando Wirsal Cell estava à nossa porta com dois ertrusianos e pediu para ter uma conversa. Tio Tuzz ficou realmente pálido, enquanto a tia Ivy tentava simular a sua capacidade de anfitriã educada e amável.

Tia Ivy me mandou sair, mas eu estava escutando no canto. Wirsal Cell expôs a sua proposta.

— Leve-o, mas para sempre. Então ficaremos livres de uma preocupação — disse meu tio e assim partiu novamente o meu coração.

— Como você pode dizer uma coisa dessas? Você tem que pedir desculpas a Wirsal Cell! Uma pequena brincadeira. Mas uma piada de mau gosto. Nós amamos tanto o nosso sobrinho.

Tia Ivy parecia muito falsa. Ela não parecia ser uma pobre mãe de aluguel.

— Mas eu não acho que possamos autorizar isso para o nosso sobrinho de 10 anos. Isto é tão longe e talvez perigoso. Todo este rhodanismo afinal custou a vida a vida da minha irmã. Cauthon não deve ter o mesmo fim — minha tia disse.

Rhodanismo?

— Perry Rhodan não é responsável pela morte de sua irmã. Nós nunca encontramos os culpados. Cauthon francamente brilhava de alegria. Permita que ele entre nessa aventura — disse o Cell. — Além disso, eu já falei para Homer G. Adams. Ele fechará os olhos quanto à comissão perdida, se vocês forem cooperativos.

Silêncio!

Eu poderia imaginar que o tio Tuzz e a tia Ivy estavam nas nuvens. Mas esta era a sua oportunidade. Eles seriam capazes de manter o seu padrão de vida. Eles tinham apenas que me permitir acompanhar Perry Rhodan na viagem.

— Concordo — aquilo veio tão rápido de tio Tuzz que eu tive que me alegrar interiormente. Foi como eu suspeitava. Eles não me amam, não tanto quanto a muitos galax. E, pela primeira vez, eu não estava triste com isso!

Eu fui furtivamente ao meu quarto e contei para Robbie a boa notícia. Logo eu voaria numa espaçonave verdadeira para outro planeta. Junto com Perry Rhodan!

Capítulo 4

A ÁRIES

Perry Rhodan estava impressionado com o quão bem Yart Fulgen estava nos seus 160 anos. Em Fulgen ele tinha um veterano capaz e experiente a serviço de Camelot. A ÁRIES, com um diâmetro de 250 metros, era a nave pessoal dos especialistas, que eram bons cientistas e anteriormente também bons combatentes da resistência, organizadores e espões.

Porém Rhodan não confiava somente em Yart Fulgen. Em Gucky ele tinha a sua arma secreta para todas as situações perigosas. Embora todos os tipos de acesso a Mashratan fossem negados para não humanoides, Gucky permaneceria na reserva a bordo da ÁRIES; ele pouco ligaria para as regras em caso de emergência, caso eles precisassem de ajuda.

Rhodan e o rato-castor se sentaram nos aposentos de Rhodan e olharam para os dados de Mashratan. Gucky bebia um suco de cenoura gelado enquanto Perry mantinha-se na água.

Mashratan tinha sido povoado no ano de 2124 dC por colonos terranos. A nave de colonos terranos CHURCH OF TRINITY teve que fazer um pouso de emergência, durante uma hipertempestade, no quinto planeta de um sistema binário não catalogado. Os colonos sobreviventes tinham chamado o planeta de Mashratan. Não tinha havido nenhum contato com o Império Solar por quase duzentos anos.

Em 2308 dC a espaçonave solar EX-4187, sob o comando de um certo coronel Kerkum tinha descoberto o sistema Mashritun e tinha pousado em Mashratan. O contato com o mundo mãe Terra foi restaurado. Mashratan tinha recebido um *status* especial como enclave autônomo do Império Solar, por causa do chamado Conselho de Apóstolos que tinha consistentemente se recusado a ser um membro do Império Unido.

Bully então tinha feito uma visita a Mashratan e concluído o Tratado de Malchut.

O mundo tinha estado entre os aliados mais confiáveis no tempo do Império Solar. Embora Mashratan fosse muito conservador, eles tinham participado de missões importantes.

No entanto, o coronel Kerkum tinha caído durante a guerra contra os blues como resultado de uma insubordinação e ataques terroristas em mundos dos blues.

Ele foi forçado a deixar de trabalhar e assumiu o governo em Mashratan. Nos séculos seguintes, os mashratanos tinham fornecido oficiais fiáveis e homens para a Frota Solar. Eles também tinham estado presentes quando a CREST III foi lançada para o passado.

De repente, a face ascética de um homem veio na visão interna da mente de Perry. Levou alguns momentos até que Perry conseguisse associar o rosto a um nome. Ele havia conhecido inúmeras pessoas no decurso dos milênios, pessoas que

surgiram em sua vida e em seguida partiram novamente. Alguns tinham deixado marcas profundas em suas memórias, tanto positivas como negativas. O rosto que foi imposto a ele era francamente associado a memórias muito negativas. Era o rosto de um fanático. Novas memórias amontoaram-se em sua consciência despertada.

Como Rabmulla, Lee Omar el Tabari tinha subido a bordo da CREST para prestar assistência religiosa aos mashratanos. Ele teria tido uma “revelação” do seu Deus: todos os “filhos da Lemúria” tinham que ser reunidos para sobreviverem na próxima batalha final contra as forças das trevas. Depois que ele tinha tentado também fazer proselitismo com a tripulação, o coronel Cart Rudo o tinha colocado na prisão. Após o retorno da CREST ao presente, ele foi expulso da Frota e voltou para Mashratan, onde rapidamente ascendeu dentro da igreja do “Deus Trino”, que ele reformou de acordo com seu espírito.

Mais uma vez o rosto do fanático mashratano estava quase que esculpido diante de Perry. Ele estava preso aos seus pensamentos, como se fosse alguma competição com Atlan? As memórias relutantemente reprimidas de Rhodan ressurgiram com o dossiê à sua frente.

Ao longo dos séculos seguintes, não houve nenhuma informação significativa. Os mashratanos tinham sido os mais fiéis ao Império Solar, apesar de sua religião tornar-se cada vez mais bizarra.

Durante a fragmentação do Império Solar, causada pelo Hetos dos Sete, eles haviam lutado duramente contra os lares e superpesados, mas, contra todas as possibilidades e a superioridade técnica dos invasores, eles não tinham nenhuma chance. Depois disso, o planeta tinha decaído para cultura tribal de tradições religiosas arcaicas, que tinham sido parcialmente preservadas até hoje.

Depois da fundação da LTL e com a introdução do NCG, eles tinham se recuperado lentamente e realizado reformas de longo alcance. Durante um curto período, as mulheres haviam sido iguais e tinham até provido um presidente. Mas, com exceção desta era considerada relativamente liberal tudo permaneceu o mesmo: a opressão e a ilegalidade da parte feminina da população mashratana. Mulheres e meninas eram consideradas como “bens” e propriedade pessoal de seus pais, maridos e patriarcas. Durante a era de Monos, o mundo foi isolado e os extremistas religiosos prevaleceram de novo.

Somente após o golpe de Ibrahim David Gregory el Kerkum em 1211 NCG, o mundo dos mashratanos se abriu novamente para o resto da Via Láctea. Mas Rhodan sabia que essa suposta liberalização era enganosa.

Kerkum era descendente do coronel do Império Solar. O gênero Kerkum era altamente considerado, embora a família há muito tempo tenha caído na insignificância política. Kerkum tinha mudado isso.

O coronel, como ele agora chamava a si mesmo, em referência ao antigo título do governante, era um linha-dura e, a rigor, um ditador. Ele tinha conseguido conciliar as partes profundamente religiosas com os tradicionalistas, racionalistas e extremistas, mas, quanto mais detalhes Perry Rhodan lia sobre o mundo, menos ele gostava.

— Por isso, as ligações com os Guardiões Galácticos³, que têm este ditador no bolso — Gucky disse.

— Não só para aqueles, pequenino! Mashratan é um mundo interessante para a LTL, o Império de Cristal e o Fórum Raglund. O sistema solar Mashritun é rico em hipercristais e muitas outras matérias-primas. Kerkum tem um exército bem treinado e, além disso, uma tropa mercenária pessoalmente juramentada a ele. Ele tem um monte de contatos com o submundo e aparentemente contrata mercenários, por uma taxa baixa, para as operações que oficialmente não são viáveis para o SLT (Serviço da Liga Terrana) ou a Tu-Ra-Cel⁴.

— Esses são os bons vilões então, certo?

Rhodan balançou a cabeça. Apesar da tolerância ao mundo colonial terrano autossuficiente, ele agora não estava feliz em falar com esse sujeito.

Kerkum era aparentemente a ligação entre a LTL, o Império de Cristal e as gangues de criminosos galácticos de todas as espécies. Apenas o pensamento de que a LTL cooperava com essas pessoas o deixava furioso.

— E o que queremos com esse filho da mãe? — Gucky perguntou enquanto sugava o canudo. O copo estava vazio, mas Gucky continuou ocupada com a haste. Por causa dos sons desagradáveis da sucção, Rhodan tinha um olhar irritado para com o seu interlocutor.

— Kerkum nos convidou oficialmente. Também virão líderes empresariais da Liga e do Império de Cristal. Homer espera que nós possamos fazer negócios com ele – de algum modo eu espero conseguir isso de forma moderada.

— Um sonho! Os agiotas da Liga Hanseática e Árcon não vão ficar impressionados com a sua presença.

— Eu agora estou me acostumado...

Doía em Perry Rhodan que o seu povo — ou, pelo menos, os representantes dos terranos — o tinham colocado de lado. Bem, ele poderia ter lutado, mas Rhodan preferiu retirar-se para Camelot e ali construir algo novo. Ele sabia que isto não era permanente.

Rhodan não podia e não queria ficar de mãos atadas. O que aconteceria se uma ameaça de fora da Via Láctea de repente surgisse? A LTL, Árcon e os outros povos estariam preparados? Pouco provável.

Camelot estava.

— Você sabe o que é engraçado nisso, Perry?

3 Nota do tradutor: os anjos guardiões da galáxia são uma organização criada numa época não precisamente conhecida após o fim da era de Monos. Uma organização mercenária que, através de pagamento, oferece proteção contra ameaças, perigos e tumultos. Assim, eles eram verdadeiros anjos protetores para muitos galácticos, que chamavam essa organização de “Anjos da Guarda”. Com o passar do tempo desde a era de Monos, a situação na galáxia se acalmou e a organização dos Anjos da Guarda se dissipou. Muitos dos milhares de ex-funcionários dos Anjos da Guarda escorregaram para a ilegalidade. Eles se uniram a várias organizações criminosas, cujo conglomerado se tornou conhecido como Os Guardiões Galácticos – abreviadamente GuaGa – a maior organização criminosa da Via Láctea e que agora têm ramificações em M-33, Hangay, NGC 6822, Fornax e nas Nuvens de Magalhães.

4 Nota do tradutor: Serviço de Inteligência arcônida.

Não, é claro que ele não sabia.

— Eu não posso ler a mente deste pequeno companheiro. É como se ele tivesse um escudo natural e inconsciente contra telepatas. Eu posso senti-lo, embora vago, mas o cérebro dele está fechado.

Rhodan olhou espantado para Gucky. Isso realmente era estranho. Deve ter algo a ver com o DNA específico deste rapaz.

Cauthon Despair era um mistério. As circunstâncias do seu nascimento no planeta Neles, assim como a morte de toda a tripulação da nave de pesquisa HAWKING há dez anos e meio nunca tinham sido resolvidas.

Tudo que ela sabia era que, talvez, agentes do Império de Cristal estavam envolvidos no desastre. Ou esse misterioso benfeitor Cau Thon estaria por trás disso? Eles nunca tinham ouvido falar dele e, na última década, nenhum arcônida tinha viajado para Neles.

A versão oficial era acidente devido a mau funcionamento da sintrônica e robô de combate. Mas Rhodan sabia que era apenas uma fraca desculpa. Mas o que ele deveria dizer para uma criança pequena? Que os seus pais foram brutalmente assassinados? Como alguém com 10 anos de idade lidaria com isso?

Não, Cauthon Despair devia levar uma vida tão normal quanto possível. A ele deveria ser concedida uma infância despreocupada. Mas, aparentemente, esse não era o caso. Os tios cuidavam apenas frouxamente dele, aparentemente ele não tinha amigos e agora estava sentado a bordo da ÁRIES e o acompanhava.

Ele cometeu um erro? Ou era simplesmente a determinação de Cauthon Despair? Após esta viagem, ele pediria a Wirsal Cell para observar Cauthon regularmente. Se fosse desejo do menino visitar a Academia Espacial em Port Arthur, isso deveria se tornar possível.

— Não pense tanto sobre o pequeno. Tudo acabará bem — Gucky disse.

— Alguém poderia pensar que você pode ler minha mente!

— Eu ainda não posso. Você ainda é mentalmente estabilizado, mas a sua expressão...

O rato-castor expôs o seu dente roedor com um grande sorriso e adquiriu telecineticamente um novo copo de suco de cenoura.

Sugando lentamente no canudo.

— Ah, o sabor!

* * *

Em 27 de abril de 1275 NCG, a ÁRIES atingiu o sistema Mashritun no quadrante sudoeste da região externa do braço Perseu da Via Láctea. A distância para o Sistema Solar era de 32.119 anos-luz. O sistema estelar binário tinha dois sóis e uma anã marrom como um companheiro planetário.

Mashritun A era extremamente rica em metal. Ambos os sóis giravam em torno do centro de gravidade comum, a órbita de Mashritun B estava fora da órbita de Mashritun A cerca de 0,12 UA⁵.

No total, eram seis planetas no sistema. O quinto planeta, Mashratan, era habitável para os humanos.

Mashritun 2 era chamado de “Júpiter quente”, ou seja, um planeta gasoso de formação exterior que tinha migrado para as regiões interiores do sistema e sido aquecido pelo sol.

Os planetas três e quatro não tinham atmosfera apreciável, de modo que nenhum efeito estufa ocorreu e, portanto, as baixas temperaturas poderiam ser justificadas.

O sexto corpo celeste, que era de fato uma anã marrom, fazia o mesmo papel de Júpiter no sistema solar, estabilizando as órbitas dos planetas interiores. Também tinha evitado o surgimento de mais planetas exteriores. Ele possuía um extenso sistema de 26 luas e formou a sua própria zona habitável através da emissão de luz infravermelha. Dentro desta zona havia duas grandes luas com o tamanho aproximado de Marte, onde existia vida vegetal primitiva.

O quinto planeta Mashratan era o seu objetivo. Era um mundo deserto desolado com um pouco de água e temperaturas quentes.

Esta constelação dava ao planeta um por do sol duplo. Era uma grande e bela visão. Rhodan lembrava. Há 1.198 anos, ele tinha feito a última visita a Mashratan e ajudou em 77 NCG no processo de criação de um estado laico. Rhodan viu na separação entre religião e estado um passo importante para o desenvolvimento dos mashratanos. Mas este governo laico havia sobrevivido apenas por alguns anos, antes de ter sido afogado num banho de sangue pelos fanáticos religiosos. Com a derrota e destruição da Aliança Democrática desapareceu a influência da LTL. Os mashratanos nunca conseguiram se acostumar com a ideia de uma sociedade aberta e rejeitaram a Liga dos Terranos Livres. Por isso, não foi surpresa que tenham agido à sua maneira durante e depois da era de Monos.

Vários grupos extremistas se revezaram no governo. Houve o tempo dos tradicionalistas que desejavam voltar ao tempo do Império Solar, os racionalistas-sociais e, finalmente, os neoativistas arcaicos que haviam criado uma teocracia com leis sinistras da idade média.

Por fim, o coronel Kerkum tinha unido todos. Mas os seus métodos eram questionáveis.

O coronel governava com mão de ferro. A sua polícia secreta era temida. Mas isso não era o único mal desse mundo. Os guardiões de Vhrato eram uma espécie de polícia religiosa. Ela impingia em todos os lugares o Vhrashiator – o livro com as leis dessa religião. Quando Perry Rhodan leu as informações, acreditou que alguém tinha pegado o “pior” da Inquisição cristã, do hassidismo judaico e da sharia islâmica e unido tudo. O fato de haver tais leis tirânicas em pleno século 13 NCG num mundo colonial terrano, o assustou.

5 Nota do tradutor: Unidades Astronômicas.

Na Terra, extremistas religiosos tinham perdido há milênios o seu horror e a sua alegada legitimidade. Os líderes religiosos como o Papa, imãs e aiatolás, rabinos e o Dalai Lama, não tinham nenhum poder político, mas eles tinham assumido a responsabilidade moral.

Mas ele tinha que se lembrar que os fundadores de Mashratan do século 24 tinham colonizado um novo mundo. Eles estavam insatisfeitos com a influência decrescente do poder teológico na Terra.

O culto a Vhrato era a religião principal em Mashratan. A fé no Vhrato ou Vehraáto⁶ foi mixada pelos mashratanos com as religiões tradicionais.

Acreditava-se num Deus da Humanidade. O Vhrato era um profeta, um messias, que devia aparecer em algum momento, a fim de orientar todas as pessoas no reino de Deus. Moisés, Jesus Cristo e Maomé também tinham seu lugar como profetas nesta teologia.

Mesmo Perry Rhodan já fora uma vez reverenciado como mensageiro solar. Durante a opressão dos lares, um verdadeiro culto ao Vhrato tinha se desenvolvido em torno do seu retorno do Turbilhão. Perry estava desconfortável, mas ele sabia que os mashratanos consideravam ele e Atlan como uma espécie de santos.

Ele não queria explorar esse *status*, mas talvez isso ainda fosse útil nas negociações.

Os epsalenses especialistas em comunicação a bordo da ÁRIES fizeram uma ligação com a central de controle da capital Vhrataalis.

— Mashratan não nos concedeu permissão para pousar a ÁRIES. Só para um *space-jet* — relatou Yart Fulgen. — Nós não devemos receber nenhum favoritismo por razões de neutralidade. Os representantes arcônidas e terranos têm que voar com uma nave auxiliar para o espaçoporto do palácio ao oeste de Vhrataalis.

Rhodan já tinha esperado algo semelhante. De repente Gucky materializou com Cauthon Despair na central de comando.

— Uau, outra vez! — Cauthon Despair gritou entusiasmado.

Rhodan olhou severamente para os dois arteiros.

— Mais tarde — Gucky disse. — Bem, quando partimos?

— Você não, pequenino! Você é indesejável em Mashratan. Extraterrestres são considerados uma vida impura e inferior, na melhor das hipóteses — disse Rhodan.

— Oh? E, no pior caso?

— Demônios! Que, de acordo com o Vhrashiator, então devem ser queimados vivos.

Gucky deu um assobio.

6 Nota do tradutor: os 11 heróis citados nas lendas lemurenses, tefrodenses, arcônidas e aconenses vêm todos de quando uma Nave da Eternidade hathor pousou para ajudar contra os konos. O hathor reuniu 11 governantes e os treinou como filhos da luz e depois os deixou com a promessa de aparecer novamente quando necessário. Durante a guerra contra os halutenses, o hathor Veri se refugiou em Mirkandol. Já o décimo segundo herói, Vehraáto ou Vhrato como é mais conhecido, teve origem em Atlan ao usar ironicamente uma palavra halutense (*vrhartu*), que tanto pode significar “Despertado para as Estrelas” como “Lavagem Forçada”. (Trilogia Temur)

— Deixe esses vhratosenses babacas fazerem uma tentativa comigo. Eu os farei simplesmente girar em torno do seu próprio pequeno fogo e queimar os seus traseiros!

Gucky apoiou os pequenos braços na cintura.

— Você fica aqui como reserva. Esteja alerta.

— Como sempre, eu vou ir tirar as castanhas do fogo para você, chefe!

O ilt saudou e subiu telecineticamente num assento. Alguns momentos depois, ele simplesmente fechou os olhos e adormeceu.

Rhodan olhou para Cauthon e sorriu.

— Vamos lá!

— Sim, senhor! — Cauthon gritou e seguiu Rhodan para o hangar.

Ao longo do caminho, Cauthon falou com orgulho sobre as propriedades do planeta Mashratan. Ele tinha um diâmetro de 13.678 km, uma gravidade de 1,004 gravo e era bastante parecido com a Terra. Os dias eram muito quentes devido aos dois sóis. As noites eram mais curtas em comparação com a Terra ou Fênix.

Há 761 milhões de mashratanos em quatro continentes. A maioria da população vivia uma existência nômade. Cerca de 187 milhões de habitantes povoavam as poucas grandes cidades.

Rhodan leu um pouco com o pequeno, mesmo que ele já soubesse tudo isso. Cauthon estava animado. Isso era compreensível. Já no início, quando a ÁRIES estava em Fênix, o menino arregalou os olhos quando viu o planeta a partir do espaço.

Dois membros do serviço de segurança os acompanharam em seu voo para o quinto planeta do sistema solar duplo.

— Em breve você entrará num mundo estranho, Cauthon!

— Eu mal posso esperar! — disse o pequeno feliz.

Em seguida, o *space-jet* deixou o hangar da ÁRIES e se dirigiu para Mashratan.

Capítulo 5

Mashratan

Olub el Gregor Susuk sentava-se sob o brilho do sol duplo e via a sua esposa Yarinata assar o pão. Ela amassava a massa e rolava-a sobre a pedra na frente do fogão. A pequena Blyuma, que a ajudava, ofereceu-lhe a farinha do vaso.

A sua filha primogênita, Sishrima, abanava Olub el Gregor Susuk com um ventilador de lâminas plásticas.

A família estava no pátio arenoso do seu domicílio. Susuk se recusava a trabalhar no calor escaldante. Ele preferia ver as mulheres, enquanto elas estavam preparando o almoço.

— Vá buscar para o seu pai um copo de suco de murta — ele exigiu de Sishrima.

Ela obedeceu, colocou o ventilador de lado e entrou na casa. Um pouco mais tarde, ela voltou e lhe entregou um saco com o delicioso suco doce. Mas estava quente! Desapontado Susuk jogou o seu saco de lado.

— Isto está quente! Você entende? *Quente!*

Sishrima pediu desculpas, mas Susuk estava furioso. — Você precisa pensar! Deus não lhe deu um cérebro ou ele secou completamente no calor? Como você pode continuar casada? Você é graciosa, mas trata Aly-Effi sul Bach de forma muito desrespeitosa.

A sua filha precisava de uma reprimenda paternal. Susuk agarrou a pequena yekjab e ativou o fluxo de energia. O zumbido suave assustou Sishrima. Susuk lhe deu um olhar severo. Ela entendeu, abaixou a cabeça e aceitou a punição, como convinha a uma boa mashratana.

Susuk apertou a vara de choque no pescoço de sua filha. Ela se contorceu e gritou. Então ele se sentou e cutucou novamente. Ela chorou e caiu junto a ele, tremendo.

Isso foi o suficiente. Ela certamente tinha compreendido. Ele deu a ela, porque era um bom pai, alguns poucos minutos para descansar. Então ele a mandou novamente trazer um pouco de suco de murta.

Cheio de satisfação, ele observou que a bebida era agradável e fresca neste momento. A sua filha tinha aprendido a lição.

— Precisamos de um novo forno da cidade, pai — disse a sua esposa.

— O quê? Você sabe o quanto custa um forno novo? Eu sou um pobre cuidador de refry e não um dono de minas de cristal.

Susuk não entendia mais o mundo. O fogão ainda estava bom. Ele fazia fogo e ficava quente. Por que um novo? A mulher tinha boas intenções? Ela não trabalhava, ficava sentada sobre a bunda o dia todo, enquanto ele tinha que cuidar dos refrys. Ele tinha que lidar com os predadores e ladrões.

Eles já haviam roubado um filhote dele e um velho refry se tinha perdido este ano. Com isso ele tinha perdido 790 mash. 790 mash! O que ele seria capaz de comprar com isso? Talvez um ventilador automático? Ele tinha que pensar neste fato a tempo, antes que a sua filha mais velha se casasse.

Mas, então, restaria Blyuma. Ela não devia só ficar inutilmente sentada em casa e se divertindo com a lavanderia, a cozinha e limpeza. Susuk se perguntava se ela não deveria fazer parte de um dos festivais Tuffa-jab-jab. Os organizadores lhe ofereceram 2.000 mash por Blyuma. Com isso ele seria capaz de comprar dois ventiladores. Mas ele estava preocupado que algum visitante visse a sua filha. Então ela se tornaria imprópria para o casamento e o Yeshi-Jil. Então, quem a quereria?

Não, se quisesse casar suas filhas, não deveria autorizá-las a visitar nenhum Tuffa-jab-jab.

Susuk lamentou que a sua esposa não lhe tinha dado nenhum menino. Claro, ele sentia pena de sua incapacidade, trazendo somente meninas ao mundo, mas também era difícil para ele como pai e patriarca da família. Ninguém para ajudar no trabalho com os refrys.

E ele também não podia emprestar nenhum filho por muitos mash para um organizador de Tuffa-jab-jab.

A vida era injusta. Ele era apenas um pobre cuidador de refry e tinha uns poucos kuhuns.

Susuk suspirou. Com pesar, ele observou que o seu cachimbo para heyill estava vazio. Ele precisava de um novo heyill, mas só havia um mercado na cidade. E a cidade estava a 497 quilômetros de distância.

Que dilema. Ele deveria enviar as mulheres? Estava tão quente. E o climatizador do planador estava quebrado. Ele não tinha dinheiro para repará-lo, mesmo que o velho Yussuf il Danny Chao lhe fizesse um bom preço.

Mas sem heyill ele não podia suportar bem tudo isso. Com a fumaça do heyill ele via coisas bonitas. Donzelas nuas, seios fartos dançando em nuvens cor-de-rosa ao seu redor e sussurrando o seu nome. Elas eram muito mais bonitas do que a grosseira e desgastada Yarinata que ele via no dia a dia.

— Mulher, diga ao robô que faremos compras.

Ele não sabia ler nem escrever. Mas os robôs ajudavam com muitas coisas que ele não entendia, como a organização, gestão, impostos e tudo mais. Susuk era um cuidador de refry. Como o seu pai, o pai do seu o pai e também o pai do pai do seu pai.

Eles não tinham que ler ou escrever. Não usavam nada disso com os refrys. Sishrima e Blyuma estavam ansiosas para aprender essas coisas.

Mas a escola era cara. E eles não estavam na cidade. Aqui fora não havia escolas. Aqui ninguém precisava de escola. Eles passavam o conhecimento necessário para os refrys de geração em geração.

Há quase 3.000 anos o trabalho funcionava corretamente. Por que eles deveriam mudar alguma coisa agora?

Infelizmente, o robô não poderia voar num planador. E mesmo o planador não poderia voar por causa do piloto robô automático que estava quebrado.

O velho Yussuf il Danny Chao, sim, ele poderia consertá-lo. Mas isso era tão caro.

Susuk se lamentava. Sem uma palavra, ele arrastou os seus pés para fora do quintal, até a porta enferrujada. Com um rangido alto a porta se abriu. Depois que entrou, ele a fechou atrás dele. Cuidadosamente ele colocou as barras de ferro maciço e a trancou do lado de fora. Afinal, as mulheres não devem ficar vadiando por aí fazendo coisas ruins, enquanto ele estava fora.

Blyuma tinha realmente ousado, há um ano, sair para as ruas sem o Yeshi-Hihab. Ela já estava na idade de ofuscação. Só com grande dificuldade — e graças aos seus amigos na cidade, que lidavam com heyill e tinha amigos influentes com os barões do heyill — não foi além de uma grande penalidade.

Mas a sua família estava nos arquivos dos guardiões de Vhrato. Uma nova violação do sagrado Vhrashiator o colocaria diante de grandes problemas.

Para Susuk não restava mais nada, a não ser se orientar para restaurar a honra de sua família. As leis de Deus eram duras, mas justas! Com horror ele pensou novamente na consagração dos vhrashinatos, como um santo Rabmulla tinha contado ao grupo de jovens sobre a época que os três vezes amaldiçoados demônios internos da Mirona Negra tinham tentado derrubar o Conselho de Apóstolos querido por Deus e transformar os mandamentos do livro sagrado do Vhrashiator numa fonte de perversão e fornicação. Mas os filhos santificados de Vhrato tinham pegado em armas e expulsado os demônios de volta para o inferno de onde tinham vindo para conduzir os justos ao caminho da perdição.

Mais uma vez o santo Vhrasha pegou o seu cetro de Vhrato e o encheu com o santo alento de Deus. Ele percebeu que o Deus Uno e Trino queria lembrá-lo do seu dever para com a comunidade das crianças de Vhrato. Era novamente o tempo para expelir o seu santo sopro de Deus na Mirona Negra, para que os demônios internos pudessem continuar incluídos no inferno. Quando estivesse na cidade, ele faria um sacrifício e daria uma pequena contribuição para que Vhrato mantivesse ainda mais a sua mão protetora sobre Mashratan.

Em seu caminho para o planador, Susuk encontrou o velho carteiro Safi Allah Konstantin Mybarek. O homem de um braço só fazia seu serviço obedientemente há muitas décadas, levando o correio da cidade para o canto mais remoto da sua região.

Ele era um homem bom! Ele também tinha uma família grande e muitos filhos. Susuk gostaria de ser assim. Mas ele não podia pagar uma segunda esposa. Encher três bocas já era difícil o suficiente.

O servorrobô flutuava ao lado dele. Por fim chegaram ao planador. Após a terceira tentativa de partida, ele pulou. Susuk esperava ansiosamente, apesar de todos os esforços, pela cidade e os rostos de seus companheiros.

E claro, pela erva heyill.

* * *

As ruas de Neoquarshi estavam novamente irremediavelmente superlotadas. Susuk levou quase duas horas para chegar à área no norte. Em todos os lugares, estúpidos rebanhos de kuhuns e hordas de refrys no caminho. O que esses bichos

estavam fazendo na cidade? Eles deviam estar no pasto. Qualquer pequeno proprietário sabia disso!

Susuk balançou a cabeça para tanta estupidez. Ele era inteligente! Ele não tinha muitos refrys e apenas uma kuhun, mas ele os usava perfeitamente, porque era inteligente.

O calor incomodava. Ele ficou feliz quando o primeiro sol desceu. Então ficou um pouco mais frio. Finalmente chegou a estrada de Taisha. Lá vivia o seu amigo Franklin Abdulla el Mendosa.

Ele tinha a melhor erva heyill e a vendia a preços realmente camaradas. Susuk estacionou o planador ao lado de um muro baixo.

— Você vai para o bazar e obtém as mercadorias. Eu tenho negócios a tratar por aqui — Susuk disse ao seu robô. Com um zumbido suave, o metálico ser artificial se moveu em direção ao mercado.

Alguns homens fortes se sentavam na frente da casa do mercador. Eles olharam hostilmente para Susuk.

Ele os ignorou. Afinal, ele era um cliente.

— Ah, o fedorento pastor de refrys. Só faltava isso — ele foi chamado por um.

Não, ele não tinha ouvido isso. Não, e de novo não!

Susuk tirou os sapatos e entrou no espaço forrado com carpete fino. O seu amigo Abdulla o cumprimentou calorosamente.

— Um quilo? — ele perguntou.

— Oh, prefiro, dois — respondeu Susuk.

O obeso Abdulla assentiu e coçou a barba. Em seguida, ele pesou a erva e embalou em sacos de plástico limpos.

— Você já ouviu falar? Estranhos vieram. Visitas para o coronel.

Não, Susuk não tinha notado nada. Ele não tinha trívídeo no vale entre as montanhas. Ele também não tinha rádio ou *internet*. Susuk só tinha um velho gerador. Do qual ele estava muito orgulhoso.

— Então, quem vêm?

— Empresários da LTL e Árcon.

— O que é LTL?

— Liga dos Terranos Livres — Abdulla respondeu, olhando espantado para Susuk.

Por que Abdulla? Susuk não se importava com nada de fora. Ele não precisava. Quem se importava com o que estava acontecendo fora de Mashratan?

— E Perry Rhodan também vêm das estrelas para nós.

— Sêrio?

Agora Susuk ficou surpreso. O profeta Perry Rhodan ainda estava vivo? Ele pensou que ele já tinha retornado para Deus há muito tempo. Afinal de contas! Um verdadeiro santo andando sobre Mashratan. Todo o respeito. Susuk era um bom homem, mas ele não sabia muito sobre os santos. Ele seguia obedientemente o Vhrashiator e ensinava as suas filhas a serem também fiéis.

Ele não tinha nada a ver com os infiéis. Eles consumiam drogas, bebiam álcool, comiam carnes impuras e tinham relações sexuais com mulheres mundanas. Ainda bem que ele não era assim! Nenhum homem fiel era assim.

— Onde está a minha erva?

— Pronto!

Abdulla lhe entregou o saco. Com alegria, Susuk lhe entregou o dinheiro. Afinal, ele gastava o dinheiro para uma boa finalidade.

— Quer me acompanhar até o seu genro em Spe? Ele está fazendo horas extras em sua escola de Tuffa-jab-jab.

Para Aly-Effi sul Bach? Sim, era uma boa ideia. Já era hora dele finalmente casar Sishrima, então ele finalmente teria que encher menos uma boca faminta.

Susuk esperou até que o robô voltasse do *shopping*. Ele guardou o homem de metal e os produtos no guarda-volumes de Abdulla e depois foi para a escola de Tuffa-jab-jab. Depois disso, ele visitaria o santuário da Mirona Negra que não estava muito longe da escola de Tuffa-jab-jab e levaria a cabo o Vhrasha.

Fugazmente ele pensou no santo Perry Rhodan. Um grande acontecimento a sua vinda a Mashratan. Sim, talvez ele poderia lhe prometer Blyuma como uma noiva? Então ela estaria em boas mãos.

Capítulo 6

O coronel

A maioria das massas de terra dos quatro continentes era coberta por areia.

Devido à particularidade dos sóis duplos Mashritun A e B, a temperatura média era maior do que na Terra. Havia também um forte efeito estufa por causa de uma proporção elevada de dióxido de carbono na atmosfera.

Os recursos hídricos existentes eram em sua maioria abaixo da superfície. Água de superfície livre era rara e alimentada por mananciais subterrâneos. Apenas nas regiões polares existiam maiores recursos de água sob a forma de pequenas calotas sob as extensas dunas. De particular importância eram os depósitos minerais, as minas a céu aberto, parcialmente explorados que eram consideravelmente mais extensas em comparação com as da Terra. No centro das montanhas Sainah também haviam sido encontrados vastos depósitos de hipercristais, que formavam a principal fonte de renda do planeta. Os hipercristais tinham tornado Mashratan rico e independente.

Apesar das condições irreais, a vida estava procurando o seu caminho. Nos inúmeros pequenos oásis surgiram assentamentos.

Vhrataalis foi estabelecida junto ao rio Anato e era a capital do planeta há quase 1.000 anos. Rios em Mashratan eram tão raros como lagos. Rhodan notou mais uma vez que não havia oceanos em Mashratan. Ele já tinha se surpreendido antes com esse mundo inóspito.

Uma imagem anacrônica era oferecida a Rhodan e Cauthon Despair. Os edifícios predominantemente brancos e ocres pareciam uma mistura de “Mil e Uma Noites” e uma moderna metrópole espacial.

O piloto do *space-jet* pousou a espaçonave no local designado pelo governo. O palácio do coronel Ibrahim Kerkum se estendia por uma área de vinte quilômetros quadrados.

No centro estava seu palácio pessoal, com inúmeros jardins, parques e até mesmo um lago artificial. Em torno dele estavam igrejas, bairros de funcionários, um quartel e até mesmo o espaçoporto.

— O homem vive pomposamente — Cauthon disse.

Rhodan sorriu.

— Isso provavelmente corresponde ao seu ego.

O *space-jet* pousou entre um iate espacial terrano e uma nave auxiliar arcônida.

Rhodan e Cauthon saíram. Soou uma marcha do tempo do Império Solar.

Em frente a eles, duas companhias estavam de cada lado. Uma multidão de homens com vestes largas e um homem vestindo um uniforme de gala completo, bastante moderno, se aproximavam deles.

O mashratano careca tinha uma tez escura e usava uma barba cheia. Ele se curvou. Em seguida, ele apertou amigavelmente a mão de Perry Rhodan.

— Eu sou Ali Urban Judaea el Kerkum — ele se apresentou.

Assim, ele era um filho do coronel. Rhodan respondeu ao convidado e agradeceu educadamente pelo convite.

— Ah e você trouxe jovens de Camelot. Isso é muito bom. Meu pai quer que os jovens da Terra, Árcon e Camelot aprendam. Infelizmente, apenas dois empresários trouxeram os seus filhos. Bem, então, siga-me, por favor.

Rhodan e Cauthon foram atrás de Ali el Kerkum. Rhodan estava lutando com o calor. Ambos os sóis irradiavam a sua luz, o sol amarelo, muito mais intenso do que a anã vermelha. Finalmente chegaram às áreas refrigeradas.

Ali apontou para uma sala onde Rhodan reconheceu terranos e arcônidas.

— Antes de apresentá-lo aos nossos outros convidados, meu pai quer falar a sós com o senhor!

Rhodan colocou a sua mão sobre Cauthon. Ali el Kerkum riu.

— Não se preocupe, nada acontecerá ao pequeno. Oh, senhor Mulltok?

Um terrano ruivo vestindo um terno de negócios correu para fora da sala. Ele se apresentou como Glaus Mulltok. Ele era um homem de negócios terranos em Árcon e gozava da confiança de ambas as forças.

— Uma honra, Perry Rhodan. Como você está?

— Obrigado, obrigado. Hum, você poderia cuidar do meu companheiro Cauthon Despair por algum tempo?

— Mas com certeza. Isto agradará minha filha. Rosan? Tesouro venha aqui por favor.

Uma menina de mais ou menos dez anos, com cabelo loiro avermelhado e olhos vermelhos rubi saltou da sala. Glaus Mulltok orgulhosamente apresentou a sua filha Rosan, que era uma mestiça arcônida e terrana. Enquanto Cauthon murmurava tímido, Rosan iniciou imediatamente uma conversa com o pequeno. Rhodan tinha certeza de que ele estava em boas mãos.

Ali el Kerkum levou Rhodan por um longo e amplo corredor, com várias estátuas.

— Os nossos antepassados — ele disse. — Eles serviram sob o seu comando. Meu avô lutou contra os blues e expandiu Mashratan para uma colônia. Os seus filhos foram heróis na CREST II e CREST III. Eles ajudaram o Império Solar durante a crise contra Dabrifa e a União Carsuálica. Eles foram combatentes da resistência durante o tempo dos lares.

Rhodan sentiu a admiração e respeito nas palavras de el Kerkum.

Eles chegaram a uma porta larga. Dois ertrusianos estavam diante dela. Eles concederam a entrada de Rhodan. O filho do coronel permaneceu no corredor.

Em seguida, a porta fechou. Rhodan estava numa sala oval com paredes douradas e teto espelhado. No final da sala havia um pódio.

E lá estava o coronel David Gregory Ibrahim el Kerkum.

* * *

— Deus é grande – Eu sou forte – Mashratan para sempre!

O coronel Kerkum trovejou duas vezes com o punho na mesa, após falar as palavras sagradas.

Perry Rhodan olhou para o velho de 126 anos, o comandante da liberdade para Mashratan. O uniforme verde-limão estava salpicado de medalhas e emblemas. O manto marrom, quepe militar e óculos de sol pareciam não combinar, por assim dizer, mas aparentemente Kerkum tinha o seu próprio gosto de moda.

Agora ele circundou o pódio, abriu os braços e caminhou rindo para Perry Rhodan. O portador de ativador celular não sabia o que estava acontecendo, porque Kerkum o tinha abraçado e o beijado na bochecha esquerda e direita.

— Perry Rhodan, Administrador-Geral! Que honra, que honra!

Rhodan tossiu um pouco envergonhado.

— Eu já não sou Administrador-Geral há cerca de 1.400 anos coronel. Porém eu lhe agradeço a sua hospitalidade.

Kerkum assentiu com a cabeça e bateu palmas duas vezes. A partir dos quartos conjugados, quatro mulheres seminuas entraram na sala de recepção. Elas serviram drinques e trouxeram taças carregadas de frutos. Kerkum apontou para a grande mesa-redonda da sala. Rhodan seguiu o anfitrião e se sentou no chão acolchoado com almofadas.

Duas das beldades massagearam os ombros de Kerkum depois que ele também se tinha sentado.

— Antes de todos os gananciosos, os vendedores desalmados e diplomatas inescrupulosos perturbarem essa paz, eu queria falar com você a sós por alguns minutos, senhor!

Kerkum sorriu e passou o dedo indicador sobre o seu fino bigode.

— Mas nós não estamos sozinhos — Rhodan disse com firmeza.

— Oh? Ah sim. Claro. Em Mashratan uma mulher é considerada posse. É uma coisa, mas é honrada. Essas aqui... sim, elas não são bonitas?

Kerkum descaradamente alisava uma mulher na virilha e sorria feliz consigo mesmo, até que Rhodan tossiu.

— Sim? Sim! Essas mulheres são escravas de outros mundos, ativos de pequeno valor. É como se elas não estivessem aqui. Hum, como se fossem animais de estimação.

— Animais de estimação? — Rhodan repetiu.

O coronel riu e aplaudiu.

— Sim, senhor, você captou. Você também manteria uma conversa com outra inteligência, seja privada ou na presença do seu cão em vez de mandar embora o seu cão!

Rhodan sabia em qual categoria estavam os pensamentos do coronel Kerkum e como eram desiguais os direitos humanos em Mashratan. Reconhecidamente, Perry não estivera neste mundo por mais de mil anos, mas tinha mudado muito. Embora mashratanos sempre tivessem sido conservadores, em parte atrasados, mas lhe pareceu como se estivessem vivendo na Idade Média.

Kerkum sorriu novamente e bebeu um refugo azul chamado de muxip. Ele era feito do leite fermentado de kuhun. Rhodan o achou medonho. Um pouco da bebida ainda estava presa na barba do queixo pontudo de Kerkum.

— Bem, então Administrador-Geral. O que posso fazer por você? Um muxip? Uma das beldades?

Rhodan aceitava que Kerkum, como partidário do antigo Império Solar, se dirigisse a ele como — você. — No entanto, ele retificou novamente, ele não era mais o Administrador-Geral.

— Não, obrigado! Ao invés disso eu sou o representante de uma organização duvidosa — aos olhos da Liga dos Terranos Livres. Eu acho que o elogio não é adequado para mim, coronel.

— Porcos! São todos porcos. O que você fez? Nada! A Terra é uma sombra de si mesma. Eles deveriam olhar às vezes para Mashratan. Meu exército! Os meus homens! E não há nenhum blue ou outros extraterrestres desajeitados aqui! Tudo limpo!

Rhodan se recostou, desejando não estar ali. Se ele fosse o Primeiro Terrano, provavelmente teria exigido reformas drásticas, mas ele não era. Se era difícil para a LTL interferir na política de mundos associados autossuficientes, era impossível para a Organização Camelot.

— Bem, você queria falar sozinho comigo? — Rhodan sondou.

— Nós estamos à sua disposição, Administrador-Geral.

— E para o que, exatamente?

Kerkum se levantou e atravessou a sala como um pavão vaidoso. Ele foi até um console e apertou alguns botões. Rhodan percebeu que eles eram feitos de ouro. Não, todo o ambiente era tão pomposo e o mobiliário era luxuoso como a sua sala de audiências.

Um holograma da Via Láctea apareceu sobre as suas cabeças. Kerkum sorriu sugestivamente. Em seguida, desenhou uma linha através de parte da Via Láctea. Rhodan soube desta forma.

— A restauração do Império Solar. Talvez até mesmo o Império Unido. Com você como Administrador-Geral!

O coronel olhou para Rhodan, cheio de expectativa. Aparentemente ele falava sério. Rhodan ainda estava procurando as palavras certas, porque afinal de contas ele não queria ofender o seu anfitrião.

— E... o que você pretende lá fora?

— Eu sou humilde — respondeu Kerkum e ficou em posição de sentido. — Eu vou me tornar um Marechal Solar!

Os seus olhos brilhavam como os de uma criança pequena na frente da árvore de Natal.

— Eu devo primeiramente esclarecer isso com Reginald Bull — Rhodan disse seco.

— Eu posso entender isso!

Rhodan esperava essa resposta. Obviamente o coronel realmente queria restaurar o Império Solar. Mas os tempos haviam mudado. Perry Rhodan já não era

querido na Terra há mais de quatro décadas. Os governos de Grigor e Eavan tinham contribuído muito para isso.

Nenhum dos dois últimos Primeiros Terranos tinha trocado uma palavra sequer com Perry Rhodan.

— Bem, eu não tenho nenhum poder na LTL. Os tempos mudaram. Talvez a Humanidade não queira mais Perry Rhodan. Possivelmente a LTL também não precise de Rhodan e seus seguidores relativamente imortais?

Kerkum assentiu.

— Você é muito modesto, senhor! Eles são fracos na Terra. Eles querem ganhar dinheiro, negócios, sofrem de paranoia, vêm inimigos em todos os lugares, mas quase não fazem nada sobre isso.

“Os arcônidas nos demonstraram isto, senhor! Eles estão com a bola! Você ainda ouvirá falar muito de Bostich!”

Possivelmente Kerkum estava certo, pelo menos em relação aos arcônidas. A figura do imperador Bostich era controversa. Atlan e outros estavam convencidos de que Bostich era apenas um fantoche. Os que o apoiavam eram os autores intelectuais reais do Império de Cristal. Mas, para um fantoche, Bostich estava durando muito tempo.

No entanto, Rhodan tinha que deixar uma coisa bem clara: — Eu definitivamente não conduzirei nenhuma guerra oficial ou indireta contra minha terra natal. Isso deve ficar bem claro para você, coronel!

Kerkum soltou um grunhido.

— Como você quiser! Mas a Terra precisa de você! Não se esqueça da frota TRAITOR!

Kerkum rodou descontroladamente os seus braços.

— E esta foi a razão pela qual você me convidou? Eu lhe pergunto coronel... — Rhodan agora assumiu uma postura formal — mas você não teria que contar com essa resposta.

Kerkum abriu os braços. Então ele riu.

— Sim! Sim, claro! Mas eu desejo boas relações com Camelot.

Kerkum se aproximou e colocou o braço em torno de Rhodan. Isso foi desconfortável para o portador de ativador celular. Ambos se dirigiram para a saída. Com o indicador levantado o coronel disse — Você e eu somos importantes para a estabilidade da Via Láctea. Nós dois sabemos que o atual governo não tem nada disso. Talvez Bostich também. Quem sabe! Mas você e eu! Sim, você e eu. Nós somos a esperança da Via Láctea. O Enviado Solar da *Humanidade!*

Capítulo 7

No conto de fadas de Mashratan

Até agora eu tinha apenas raramente falado com meninas. Na verdade Rosan foi a primeira que conversou comigo, e não só para dizer que eu fedia ou era um pateta.

Ela era uma mestiça arcônida-terrana e tinha os olhos de rubi de sua mãe e o cabelo encaracolado avermelhado do seu pai. Nós éramos as únicas crianças na sala. E eu pensava que este coronel el Kerkum tinha atribuído uma grande importância à presença de crianças. O rico, industrial terrano Willem Shorne tinha trazido o seu filho de 19 anos, Michael. No entanto, o cara magro com cabelo cheio de gel ficou entre os adultos e não se preocupava com a gente.

Rosan e eu nos sentamos num canto com bonecas, figuras de soldados e modelos de naves espaciais. Eu não era mais uma criança! Rosan porém brincava com um halutense de pelúcia. Típica garota, se via.

Eu olhei para os homens na sala. Além do pai de Rosan e os dois Shorne, outras três pessoas estavam na sala. Um arcônida alto com um longo cabelo branco e um olhar terrivelmente pomposo. Ele foi chamado de Spector da Orbanashol e Rosan me explicou que os da Orbanashol eram uma importante família de Árcon. O outro arcônida era igualmente tão rico e nobre quanto. O seu nome era Uwahn da Jenmuhs. Ele devia ter a idade de Michael Shorne.

O terceiro homem era careca e usava óculos da moda. Ele era pequeno e muito discreto. Rosan sabia o nome dele. Era Arno Gatton, um porta-voz da Liga Hanseática Cósmica.

Eles foram para a mesa de almoço, bebiam, fumavam e conversavam.

— Todos querem concluir algum negócio com o governo de Mashratan. Os arcônidas e terranos estão competindo aqui pelos negócios. Eles também gostariam de trabalhar juntos aqui, meu pai disse.

Rosan me olhou com os seus olhos vermelhos. Eu estava desconfortável. Eu não sei por que, mas eu estava muito nervoso na presença dela. Eu me senti mal. Não que fosse por causa dela. Ela era como um anjo pequeno, mas ainda assim. Não entendi. Isso era normal? Eu não tinha mais nada a ver com as meninas.

— Você também conhece Gucky? — ela agora me perguntava.

— Gucky? Claro, ele está... — Eu hesitei. Eu podia confiar nela? Talvez ela fosse uma agente do Império de Cristal. Embora fosse improvável que comessem tão jovens. Mas talvez a sala estivesse grampeada e monitorada.

— Sim, eu conheci Gucky. Fui até mesmo teleportado por ele — eu me vangloriei.

— Legal! Eu recebi apenas um de Gucky de pelúcia do meu papai. Mas essa é a minha pelúcia encaracolada fofinha favorita. Além desse Icho de tecido aqui.

Ela deu uma risadinha.

Favorito encaracolado fofinho? Ah! Assim eram as meninas. Elas falavam um idioma diferente do que nós, rapazes.

De repente soou uma fanfarra nos alto-falantes. Um homem com uma longa túnica entrou no quarto e nos pediu para irmos à sala do banquete.

No entanto, o portador do vestuário não quis dizer Rosan e eu. O seu pai se inclinou para nós.

— As criadas cuidarão de vocês. Os adultos têm de discutir assuntos de negócios. Mas vocês não devem estar lá. Vocês são muito jovens.

— OK, papai. Te amo! — disse Rosan, dando em seu pai um beijo na bochecha, que ficou satisfeito.

O homem da veste branca nos levou à ala das mulheres. Eu me senti um pouco estúpido, mas ele me disse que eu ainda pertencia às crianças, razão pela qual a visão de uma mulher não despertaria desejos pecaminosos em mim. Eu não tinha ideia do que ele estava falando.

A seção das mulheres era completamente selada e guardada por robôs. Tão completamente que eu não percebia. Do que as mulheres tinham tanto medo?

Ao homem de túnica não foi permitido entrar. Somente o coronel e a sua família tinham acesso irrestrito concedido.

Bem, agora estávamos aqui e nos olhamos interrogativamente.

— O que fazemos agora? — Rosan perguntou.

— Bem, alguém vai nos pegar aqui, certamente em breve.

— Hum — só você.

De longe, eu vi uma mulher vindo em nossa direção. O seu rosto estava coberto por um véu fino, não muito transparente. Ela tinha olhos castanhos e cabelos longos morenos. Ela se curvou para nós dois. Isto foi, afinal, muito educado.

— Eu sou Gazh Ala Nagoti el Finya. Meu Senhor me mandou cuidar de vocês.

— Você é uma mulher do harém, certo? — Rosan perguntou.

— Sim, pequena Rosan Mulltok.

Eu não sabia o que era um harém. Mas eu não queria agora demonstrar ignorância perante as duas. Afinal, eu era o homem na rodada e, além disso, eu tinha, como um potencial agente de Camelot, também de irradiar um certo grau de respeitabilidade.

Gazh Ala nos levou para um pátio de mármore. No meio havia uma grande piscina. Muitas mulheres estavam ali, à toa. Elas riram e correram em nossa direção. Aquilo era muito diferente para mim, as mãos das mulheres acariciavam meu rosto e passeavam pelo meu cabelo. Tia Ivy nunca tinha me acariciado, abraçado ou algo parecido. Ela nunca tinha feito algo de bom para mim. As mulheres aqui estavam bastante entusiasmadas com a nossa presença.

O sol amarelo estava queimando quente. Eu olhava ao horizonte. O sol vermelho menor se levantava lentamente ao longo de sua grande irmã mais velha.

— Veja as flores, Cauthi — Rosan gritou.

Elas pareciam realmente estranhas. As folhas eram cinzas, pretas e roxas. Algumas, até mesmo, vermelhas. Eu não vi um único talo verde e nem uma folha verde.

— Isso é por causa dos dois sóis — Rosan disse. — Que de alguma forma mudam a cor. Tem algo a ver com química ou biologia. Eu não sei ao certo, nós somente determinaremos com mais precisão daqui a alguns anos.

Eu apenas assenti. Talvez a escola devesse nos enviar para mais hipnotreinamentos, então poderíamos aprender mais rápido. Mas, por razões supostamente educacionais, o hipnotreinamento era utilizado apenas esporadicamente nos primeiros anos escolares.

Deitamo-nos nas espreguiçadeiras reais com estofos em tecido. Elas eram realmente feitas de madeira e lona e não de energia. Também senti algo diferente.

De alguma forma eu me sentia mal de novo, mas, ainda assim, me sentia bastante confortável. Qual seria a razão para as mulheres serem separadas dos homens? Elas nos trouxeram kuhun frito com batatas fritas e uma abundância de molho. Como era delicioso! Além disso, trouxeram limonada. E nada de vegetais. Maravilhoso! Quem precisava de vegetais? Havia concentrados de vitaminas.

Rosan também se regozijou. Depois que tínhamos devorado o kuhun assado, que provou ser tão delicioso como um frango terrano, Gazh Ala el Finya e as suas amigas nos trouxeram biscoitos e bolo de chocolate.

Meu Deus, eu nunca tinha sido mimado. Eu não poderia ficar aqui para sempre? Brinquedos, abundância de alimentos e tias simpáticas que me davam carinho e abraços. Bastante diferente da casa fria, triste e sem amor com o tio Tuzz e a tia Ivy.

Isso era um paraíso!

* * *

“Que mundo infernal!”, pensava Perry Rhodan. “Espero que esteja tudo bem com Cauthon e Rosan”. Ele nunca se perdoaria se algo acontecesse com eles. Mas isso, o coronel el Kerkum dificilmente ousaria.

Perry Rhodan olhou para os seus interlocutores na grande sala de jantar. No fundo, mashratanos tocavam uma música que lembrava a Perry Rhodan composições orientais de sua juventude e os primórdios do Império Solar.

Ele se sentou numa das extremidades da mesa. No outro extremo estava o coronel, ao lado dele, o seu filho, Ali Urban Judaea. À direita de Perry se sentou Glaus Mulltok, à sua esquerda o circunspecto Spector da Orbanashol. Além disso, os Shorne e, perto de Mulltok, o terrano Arno Gaton e o jovem aristocrata arcônida Uwahn da Jenmuhs. Jenmuhs já havia começado a comer. Rhodan ficou um pouco incomodado com os sons estalantes.

— Agora! Desfrutem da hospitalidade do nosso mundo. Depois discutiremos concessões comerciais, política e as possíveis transações uns com os outros.

O coronel estendeu os seus braços e os levantou ligeiramente.

— Oh, Deus da Humanidade, abençoe a nossa comida e bebida. Em nome de Vhrato, em nome dos profetas e em teu nome, ó Deus do povo.

Da Jenmuhs comentou sobre as graças com um sonoro arroteio.

Kerkum lhe lançou um olhar zangado.

— Eu estou surpreso com a sua falta de respeito a Deus e ao Enviado Solar. Apesar de tudo, acredito que os arcônidas também acreditam nele — disse o filho de Kerkum, Ali.

— Os da Jenmuhs acreditam somente em si mesmos, na riqueza, na superioridade dos arcônidas e na boa comida — Spector da Orbanashol respondeu em vez do seu gordo companheiro.

Da Jenmuhs riu estridentemente e ergueu a taça em direção a da Orbanashol.

— Um ambiente agradável — Shorne achava. — Eu acredito na cosmologia do mercado. O mercado é como uma superinteligência, senhores. Ele é o todo abrangente, poder universal.

Perry estava sentado ali, junto com um ilustre grupo. O que ele estava fazendo ali? Esperava que pelo menos Gucky recolhesse valiosas informações sobre o coronel Kerkum e os seus amigos. Com exceção de Glaus Mulltok, aqui ninguém parecia simpático.

— A presença de Perry Rhodan é bastante surpreendente — Spector da Orbanashol disse com firmeza. — Mas certamente, também para os Senhores da Terra?

Arno Gatton riu então.

— Bem, mister Rhodan é apenas uma relíquia do passado. A Liga e os humanos não precisam mais dele. A Liga Hanseática Cósmica nunca esteve tão bem.

— Homer G. Adams diz outra coisa — rebateu Rhodan.

Gatton assentiu.

— Um homem velho e amargurado.

— Eu prefiro usar as lojas Taxit — Mulltok interveio e deu apoio a Rhodan. — Nossa empresa está localizada em Árcon e eu não quero correr o risco de que os meus contratos sejam subitamente interrompidos pela Liga Hanseática da LTL, porque mais uma vez um Primeiro Terrano nacionalista chegou ao poder.

Claro que Arno Gatton discordou veementemente. Willem e Michael Shorne ansiosamente tomaram parte na discussão, enquanto Perry preferiria voltar para a ÁRIES. Ele não tinha tempo para todas as discussões econômicas, os prós e contras de uma economia de mercado livre ou controlada.

Rhodan sabia que dinheiro e posses haviam adquirido importância novamente desde o fim da era de Monos. A cooperação pacífica dos primeiros 425 anos da Nova Era Galáctica infelizmente não tinha sido permanente, embora eles estivessem entre os mais pacíficos e melhores para a Via Láctea.

A era de Monos tinha sido em muitos aspectos, um revés para a unidade e desenvolvimento dos povos na Via Láctea. Todos os pequenos conflitos entre terranos, arcônidas, blues, aconenses, e todas as outras nações tinham ressurgido. Rhodan estava de fato feliz que os arcônidas já tinham deixado a sua decadência totalmente para trás, mas ninguém podia usar potências rivais.

O Galacticum era apenas uma sombra de si mesmo. A desunião enfraqueceu a Via Láctea, os fez vulneráveis a ameaças de dentro e de fora.

A discussão aqui na mesa era o melhor exemplo. O coronel Kerkum era um ditador, como havia nos livros. A sua visão de um império da Humanidade era perigosa, porque ela automaticamente excluía outras nações. Gerava ódio contra raças não humanoides, preocupando Rhodan. Como isso poderia continuar? Mas os homens influentes e mulheres da Liga dos Terranos Livres pouco se importavam. Por Buddcio Grigor havia ocorrido alguma nacionalização. Eles pensavam novamente em raças e nações.

O enfraquecimento do Galacticum teve desvantagens principalmente para aqueles mundos que não estavam entre as principais potências. Embora o Fórum Raglund tenha sido a fusão apenas desses povos, Árcon e a LTL tinham estabelecido o tom.

O fato de a Via Láctea não agir como uma unidade e representar os interesses da comunidade, aumentava o risco para mundos não associados sem exploração. O coronel Kerkum era um aproveitador desta situação.

Ele aproveitava a brecha para fazer negócios. E as grandes indústrias da LTL e Árcon o apoiaram nisso, porque tinham esperanças de obter receitas significativas a partir dele.

Kerkum tinha procedido habilmente, uma vez que não lutou em prol de nenhum lado. Dezenas de mundos dependiam da entrega do seu hovalgônio. E muitos mais planetas eram explorados economicamente por Mashratan. Oficialmente nem a LTL ou o Império de Cristal tinham algo a ver com isso, mas secretamente levavam os seus influentes círculos de negócios, como os da Orbanashol, as indústrias Shorne, Gatton ou da Jenmuhs, para este tipo de comércio. Eles viam apenas o lucro, mas Perry Rhodan percebeu que Ibrahim el Kerkum era um idealista e ao mesmo tempo um extremo fanático. Isto resultava numa mistura particularmente perigosa.

Rhodan levantou-se. Os outros olharam para ele com curiosidade. Ele ergueu o copo em direção a Kerkum.

— Sou grato ao coronel pela oportunidade de falar com representantes dos terranos e arcônidas. No entanto, estou longe de estar satisfeito com a situação galáctica. O egoísmo e a ganância destroem o que começamos a construir tão laboriosamente 1.275 anos atrás. Lembrem-se que não estamos sozinhos no Universo. A Via Láctea deve crescer junta. Devemos cuidar de todos os povos com respeito, tolerância e responsabilidade, mesmo que isso signifique ganhar um ou outro galax a menos.

“Eu passei por tais processos com bastante frequência em meus quase 3.000 anos de vida. Aqueles que acreditam que podem iniciar o seu próprio império de negócios ou império estelar à custa de outros seres inteligentes, mais cedo ou mais tarde vão falhar. Conto e espero com a sua razão, senhores!”

Rhodan levantou o copo e bebeu novamente. Os outros olharam para ele como se fosse um fantasma. Bem, com esse brinde eles não haviam contado.

— Perry Rhodan têm razão. Numa solução pacífica para a Via Láctea! — Glaus Mulltok levantou a taça para Rhodan discretamente.

O coronel Kerkum aplaudiu com entusiasmo.

— A Via Láctea deve ser recuperada para os seres humanos!
Isso não tinha sido exatamente o que Perry Rhodan realmente quis dizer...

* * *

Rhodan estava feliz que esta refeição tinha finalmente acabado e eles tiveram uma pausa de algumas horas. Primeiro ele foi até a entrada da área das mulheres e lhe foi mostrado Cauthon. Ele e Rosan estavam bem. De acordo com Mulltok ele deixaria as duas crianças continuarem no harém de mulheres de Kerkum.

Afinal de contas, elas estavam sob a guarda do líder mashratano. O seu trágico destino tinha de alguma forma agradado a Rhodan. Ele certamente não faria mal às crianças.

No caminho de volta, Perry Rhodan encontrou uma criatura numa bolha energética oval negra. Pelas suas informações ele sabia que era uma mulher de véu. As mashratanas eram proibidas de se mostrar abertamente em público ou para estranhos.

O aparecimento deste desconhecido parecia assustador para Rhodan. Atrás do campo defensivo energético provavelmente se escondia uma mulher. Mas ele realmente poderia afirmar isso?

Após o encontro misterioso, Perry descansou por uma hora. Quando acordou, ele foi para o *space-jet* e fez uma ligação segura com a ÁRIES.

Ele relatou a Gucky e Yart Fulgen sobre o que aconteceu na estranha reunião até agora.

— Você podia pescar algo nas mentes dos participantes?

— Dificilmente! O complexo do palácio é aparentemente protegido por campos de força antipsi. Aqui e ali eu consigo pegar um punhado, mas não de Kerkum — respondeu o rato-castor.

— E o que foi que você descobriu sobre os outros?

— Da Jenmuhs pensa em comida e mulheres. Da Orbanashol está insatisfeito com Mulltok. Este, por sua vez, tem medo porque teme que se não fizer negócios com Kerkum, ele não será mais necessário. Os Shorne ou Gaton não têm tais receios. Infelizmente, não tenho mais nada de concreto.

— Obrigado, pequenino. Mantenha-me atualizado, se você tiver algo novo.

Rhodan encerrou a ligação. Em 24 horas ele partiria novamente. Ele sabia agora que as discussões com este tipo de pessoas eram em vão. Mas, como sabia, a esperança é a última que morria.

Capítulo 8

A misteriosa mulher

Eu estava cheio como um saco! Kuhun, batatas fritas, bolos, biscoitos e, finalmente, sorvetes. Eu não aguentava mais. Rosan também estava inerte em sua cama e não se mexia mais do que o necessário.

— Você tem jogos sintrônicos? — perguntei.

Gazh Ala el Finya negou.

— Não aqui. De qualquer forma, as mulheres são proibidas de jogar com uma obra do diabo. Jogos de diversão virtuais foram inventados pela Mirona Negra para roubar a nossa dignidade.

Ah! Isso era novidade para mim. Bem, então eu tinha que ficar entediado.

— Talvez você queira brincar de esconde-esconde? Ou kuhun cego? — Gazh Ala perguntou.

De repente o seu sorriso congelou. Ela olhava para a varanda. Eu me virei e vi um esquema de energia de formato alongado. Ele andava ou flutuava em nossa direção. Gazh Ala se curvou.

— Vamos fazer uma viagem e mostrar o nosso belo mundo para as duas crianças estrangeiras. Pegue o seu Yeshi-Hihab, escrava!

Assim disse a coisa negra de energia!

— Sim, senhora!

Gazh Ala se curvou humildemente. Mestra? Rosan olhou com espanto.

— Quem é você? — ela perguntou.

— Eu sou Yasmin Dorothea Maria el Kerkum, a segunda filha do nosso santificado coronel — respondeu a coisa preta.

— E por que Gazh Ala é uma escrava? — perguntou Rosan.

— Ela é uma desonrada, uma mashratana impura. Portanto, ninguém quer se casar com ela. Ela pode ser mais valiosa do que outras escravas, porque nasceu em Mashratan, mas isso não significa muito.

— Eu não entendo.

— Você é muito jovem para isso.

— Hum, acho Gazh Ala muito agradável. Você está fazendo uma injustiça — Rosan disse desafiante.

Gazh Ala voltou. Ela agora vestia um cinto ao redor dos quadris. Ela apertou um botão e um campo de energia negra a envolveu completamente. Ela agora parecia exatamente como a filha do coronel Kerkum.

— Nós também temos de levar algo semelhante? Isto é um protetor solar? — perguntei.

— Não, um homem não tem que vestir véus e Rosan é muito jovem. As suas características corporais pecaminosas não são pronunciadas — disse Yasmin. — Sigam-me!

* * *

Sáímos da ala das mulheres e fomos para os parques. As moitas, arbustos e cercas vivas brilhavam em violeta. Os dois sóis queimavam implacavelmente. Que calor!

— Quando ficará finalmente mais fresco? — eu suspirei.

— Bem, não faça uma cena. É emocionante aqui. Eu amo viajar. Eu odeio quando estou em Árcon — disse Rosan.

Eu olhei para ela.

— Por quê?

Ela gemeu baixinho.

— É tudo tão rigoroso lá. Os arcônidas são rígidos e arrogantes. Minha mãe quer que eu aprenda os costumes e tradições arcônidas.

— Ela é arcônida?

Rosan assentiu avidamente.

— Sim, cuspida e escarrada! Ela é uma aristocrata. Nos igualamos relativamente aos da Orbanashol. Mas de alguma forma eu prefiro os terranos.

Eu queria saber dela por que ela preferia a LTL.

— Eles não parecem tão estéreis. Os terranos têm a oportunidade de decidir por si próprios o que querem fazer. Quando crescer, eu quero viver na Terra.

Rosan era uma pessoa amante da liberdade. Para uma menina isso era realmente bom.

— A LTL também tem os seus problemas — Cauthon informava. — É por isso que Perry Rhodan e os seus companheiros de fato emigraram para Camelot.

— Mas eu acho que os terrano mantêm os problemas sob controle e não os arcônidas. Perry Rhodan será reconsiderado certamente mais rápido na Terra, do que Atlan em Árcon.

De repente, ela parou.

— E agora — Rosan começou a sorrir amplamente —, estamos brincando de pega-pega. Me pega!

Rindo alegremente ela corria. Brincadeiras? Isso era estranho para mim. Outras crianças nunca brincavam comigo. Corri atrás dela, mas Rosan batia nos galhos repetidamente. O jardim com as suas muitas grandes sebes e arbustos era um labirinto absoluto. Eu fiquei totalmente sem ar, mas foi divertido. Em algum lugar ela tinha que estar. Lá estava ela.

Eu estava quase sobre ela, mas ela se virou novamente. De repente, vi a grande e negra bolha energética. Rosan parou, mas eu não consegui, a empurrei e ambos saltamos dolorosamente sobre o monstro negro.

— Acabaram? — perguntou a figura no negro campo defensivo energético, que se revelou ser um tipo de campo de repulsão. A voz ouvida era de Yasmin el Kerkum, a filha do coronel.

Eu ajudei Rosan a se levantar.

— Nós só estávamos brincando — ela se defendeu.

— Está tudo bem. Rosan, eu vou lhe mostrar um par de flores agradáveis. Cauthon Despair, vá e procure Gazh Ala! Vamos!

Que falta de educação! Mas a aura desta figura negra me pareceu sinistra. Eu só balancei a cabeça e disse adeus a Rosan.

Agora eu tinha que procurar uma segunda bolha energética negra. Isso tudo me parecia suspeito. Por que as mulheres não mostravam o seu rosto em público? Por que elas tinham que se cobrir com um campo energético?

Eu peguei a minha sintrônica e inquiri. Ela não era tão eloquente quanto Robbie e também não tinha componentes biológicos, mas era mais do que adequada para comunicação e ferramenta de informação. E ela tinha um banco de dados de Mashratan.

O campo de energia era chamado de *Yeshi-Hihab*. Cada mulher tinha que se esconder em público, para não suscitar nenhum pensamento pecaminoso num homem, seja lá quem fosse. Foi prescrito pela lei e religião. Só escravas não precisavam usar *Yeshi-Hihab* se não fossem de Mashratan. De acordo com a entrada, também não era considerado depravação se envolver com as escravas. Nesta ocasião, no entanto, deve ser feito um acordo financeiro com o proprietário.

Embora eu tenha entendido apenas a metade, isso não me agradou muito. Em Camelot, as mulheres andavam abertamente. Pensando bem, lá a desengonçada tia Ivy sempre se mostrava muito e enfatizava o seu corpo esbelto.

Isso era extremamente desaprovado em Mashratan.

— Cauthon? — Disse uma voz estridente.

Fiquei surpreso e parei. À minha esquerda estava parado um envoltório energético.

— Gazh Ala?

— Sim!

Expliquei a ela que eu deveria procurar por ela, enquanto a filha do coronel mostrava flores a Rosan. Procuramos por elas. Encontramos esporadicamente outras mulheres energéticas, soldados, funcionários públicos e ministros do coronel Kerkum. Portanto, também Gazh Ala não podia se mostrar abertamente. Caso contrário, todos os cortesões de outra forma pensariam em outras coisas.

Procurando por Rosan e a misteriosa Kerkum, encontramos Michael e seu pai Willem Shorne. O velho nos ignorou, enquanto o jovem terrano com cabelo de gel nos olhou com um sorriso maroto.

— O camelotiano e o espectro da noite. É uma pena, eu gostaria de saber de bom grado se a garota é sexy.

Shorne andava em torno de Gazh Ala, enquanto o seu pai observava desinteressado os anfíbios na lagoa.

— Eu lhe dou 1.000 galax, se você desativar o seu véu.

— Me é proibido — respondeu a mashratana.

— A sua religião é imbecil. Toda religião é. Aqui!

Ele tirou um cartão de crédito dourado do bolso da camisa.

— Esse é o único deus verdadeiro. O poderoso galax. Se eu der alguns deste ao coronel Kerkum, você será minha!

— Deixe ela em paz — eu disse para esse cara repugnante.

Mas Shorne apenas riu de mim. Ele se inclinou e bateu no meu rosto.

— Você quer proteger a mulher nanico? Você provavelmente está confiando muito em Perry Rhodan. Mas você não é Rhodan. Você é um ninguém. E se você chegar à minha idade, você ainda vai ser um ninguém. Eu posso ver isso em você.

— É o suficiente! Não se esqueça que você está comprometido! Vamos, Michael!
— O seu pai o repreendeu.

Shorne riu e o seguiu. As suas palavras me afetaram. Eu era realmente um nada. Ninguém realmente gostava de mim. Rhodan também tinha me levado só por pena. Talvez eu fosse um perdedor. Mas ele era um vencedor, simplesmente porque era um menino rico?

— Não dê ouvidos a ele, pequenino! — Gazh Ala disse. — Para mim, você é um herói. Um pequeno cavaleiro, porque você me defendeu.

Ela deu uma risadinha, mas parecia um pouco estranho, porque só via esta bolha energética negra na minha frente.

Seguimos em frente. De repente, ouvi um grito. Em seguida, um — *Não!* — Isso era Rosan. Eu corri. Onde ela estava só entre todas as sebes? Uma silhueta corria na faixa da esquerda. Eu a segui. Lá estava ela. Duas das mulheres energéticas a seguravam.

— Parem com isso! — gritei, mas minha voz falhou. Eu estava com muito medo. Também o que um garotinho poderia fazer? Mas algo eu tinha que fazer.

A figura velada puxou um radiador e apontou para mim.

— Estúpidas — malditas. — Então simplesmente venham.

Ela apontou para mim e Gazh Ala. Rosan fugiu. Então o radiador disparou. Rosan caiu morta. Comecei a chorar e corri até ela. Por que elas fizeram isso? Então ela disparou novamente. O feixe agora me encontrou.

* * *

Perry Rhodan observava o lento processo de mudança entre dia e noite. O grande sol amarelo afundava atrás do horizonte. O espectro no céu foi determinado mais e mais pela anã vermelha. A cor predominante do céu mudou lentamente para a cor laranja. A luz do sol amarelo se tornou pálida e as duas luas Mugin e Hugin podiam ser mais claramente reconhecidas.

De repente, Rhodan ouviu tiros por perto!

Ele apressadamente deixou seus aposentos e foi para o parque. Na grande esplanada do coronel ele encontrou a razão para o barulho.

Uwahn da Jenmuhs segurava uma arma de projéteis em suas mãos.

Acima de sua cabeça se agitavam aves enxotadas por robôs voadores, da esquerda para a direita. Campos de repulsão as impediam de fugir. Da Jenmuhs puxou o gatilho. Mas ele não encontrou nenhum dos seus — pombos de barro.

Aparentemente o homem se divertia com este esporte bárbaro. Rhodan nunca tinha sido capaz de se acostumar com o assassinato sem sentido de animais para fins de diversão.

Ele observou o grupo. O coronel Kerkum e o seu filho olhavam da Jenmuhs e incitavam o desequilibrado arcônida. Glaus Mulltok e Spector da Orbanashol estavam fora do jogo. Rhodan focou em sua conversa. Mulltok parecia pouco satisfeito.

—... não haverá transações criminosas. Rhodan tem razão. Devemos dar um bom exemplo — Mulltok explicou chateado.

O rosto enrugado de Spector da Orbanashol agora parecia mais liso.

— Este não é apenas uma traição aos seus próprios interesses comerciais, mas também a Árcon. Mas o que posso esperar de um terrano?

— Isso não é justo! — Mulltok protestou.

— Qualquer um que vive em Árcon deve agir no interesse do Império de Cristal. Nós não vamos tolerar inimigos em nossa casa.

Isso soou como uma ameaça. Mulltok olhou horrorizado para o seu interlocutor.

— É um mau hábito espionar conversas alheias — disse alguém atrás de Rhodan. Perry virou. Diante dele estava um arcônida de tamanho médio com uma expressão séria. Ele parecia rígido, mas também digno.

— Oh, é você? — Rhodan perguntou.

Ele não tinha notado o homem previamente.

O arcônida se apresentou antes como Hermon da Zhart. Ele era o secretário pessoal de Spector da Orbanashol.

— Ah, um criado — disse Rhodan com firmeza.

Isso explicava por que da Zhart não tinha participado da recepção.

— Eu sou um nobre. Mas minha casa é profundamente comprometida, há séculos, com os da Orbanashol. De qualquer forma, em qualquer caso, eu sou mais do que um bárbaro terrano.

Da Zhart apontou para o campo de tiro ao alvo.

— Quer fazer o favor?

Um sinal inequívoco de que o arcônida não tolerava a presença de Rhodan. Claro, ele não queria que Perry continuasse ouvindo a conversa entre o mestre de da Zhart e Glaus Mulltok.

Rhodan assentiu e sorriu brevemente para da Zhart. Em seguida, Rhodan se retirou. Ele tinha ouvido o suficiente. Mas ele foi até o coronel Kerkum.

— Ah, Administrador-Geral. Você também gostaria?

Não, obrigado!

Kerkum contraiu os ombros e pegou um velho rifle.

— Eu amo armas antigas. Eu tenho uma grande coleção de armas terranas e arcônidas com milhares de anos de idade. Você ainda reconhece essa?

Rhodan olhou para a arma. Era um rifle *sniper*. Provavelmente da Segunda Guerra Mundial.

— Uma K-98 alemão com mira ótica — Kerkum disse com orgulho. — Datado da última grande guerra civil dos terranos.

A guerra da destruição sem sentido e vítimas lamentáveis. Caso contrário, ela certamente não seria descrita como grande.

Kerkum apontou, mirou e errou. Da Jenmuhs deu uma risadinha, porque ele não era agora o único que não tinha acertado. Irritado Kerkum jogou a arma no chão.

— Apenas espere. Quem ri por último...

Ele ativou um interruptor. O chão se abriu e Rhodan não podia acreditar. Uma arma antiaérea quádrupla começou a sair do solo.

Kerkum se sentou no lugar do artilheiro e ativou a peça de artilharia. Ele apontou os quatro canos da arma e disparou. Num staccato sombrio, a munição do cano quádruplo martelou o céu.

Kerkum ria histericamente enquanto fumaça preta subia e penas rodavam no céu.

— Também posso? — Da Jenmuhs perguntou.

Rhodan teve o suficiente. Ele voltou para os seus aposentos. Ao longo do caminho ele tentou alcançar Cauthon através do seu dispositivo de comunicação, mas o menino não respondeu.

Crianças típicas! Ele provavelmente está brincando com Rosan nos parques.

Mal o terrano chegou ao seu quarto, ele sentiu uma dor nas costas. Então tudo ficou escuro e Rhodan caiu num sono profundo.

Capítulo 9

Desaparecido

O que tinha acontecido? Onde ele estava? Era incômodo e duro. Ele estava deitado no chão. A luz laranja entrava através da janela. Perry Rhodan se levantou gemendo. A parte de trás de sua cabeça doía. Ele esfregou o galo.

Alguém lhe tinha dado uma pancada. Mas por quê? Mal lhe ocorria. Rhodan estava ileso e em seus aposentos. Aparentemente alguém apenas queria colocar Rhodan fora de ação por um tempo.

Era sobre Cauthon!

Rhodan correu para fora da sala. Ele ouviu a alta música oriental e seguiu o barulho. Por fim chegou num salão de festas do coronel Kerkum. Algumas mulheres seminuas dançavam para o deleite dos convidados.

Rhodan deixou o seu olhar vagar ao redor da sala. Glaus Mulltok era o único que correspondeu ao olhar. Ele parecia preocupado. Num olhar mais atento, Mulltok parecia triste e desesperado. Rhodan caminhou em sua direção. Uma das concubinas agitou o seu véu ao redor dele; Rhodan a empurrou rudemente para o lado. Ele não tinha tempo para bobagens.

— Rosan se foi — Mulltok resmungou. — Ela... ela está sendo procurada, diz o coronel. Cauthon está desaparecido. Onde você estava, Rhodan?

— Alguém me derrubou. Ele provavelmente não queria que eu percebesse o sequestro. O que aconteceu?

Mulltok não sabia muito. A filha do coronel el Kerkum havia informado que duas figuras tinham aparecido de Yeshi-Hihab no Parque Labirinto e tinham sequestrado as duas crianças e a escrava Gazh Ala.

— O coronel Kerkum está chocado e prometeu procurar em todo o mundo — Mulltok disse.

Rhodan olhou para o líder do planeta. Ele teve a impressão de que este examinava meticulosamente o corpo de sua companheira. Rhodan ativou o seu dispositivo de comunicação e informou a equipe do *space-jet*.

— Diga a Gucky que seu descanso acabou. Ele deve procurar por Cauthon e Rosan em Mashratan.

Rhodan colocou a mão no ombro de Glaus Mulltok. Ele procurou os seus olhos. A dor era sincera. Aparentemente o terrano estava completamente sobrecarregado pela situação. Por que mais ele se sentaria apático e com os olhos manchados de lágrimas durante uma celebração de Kerkum?

Rhodan foi até o coronel. Este notou e empurrou a mulher para o lado.

— Nós estamos procurando pelo menino. Ele estará de volta amanhã. Eu dou-lhe a minha palavra. Vamos beber a isso.

Ele entregou a Rhodan um cálice dourado. Perry já tinha o suficiente. Ele bateu no copo na mão de Kerkum. Os músicos pararam de tocar. Pelo canto dos olhos, Rhodan notou como os brutais guardas de Kerkum se reuniram em torno dele.

— Eu entendo — Kerkum murmurou.

Ele abriu os braços, ele colocou a mão na cabeça e caminhou em torno de sua cadeira de praia.

— Você não se sente bem com a distração, senhor! É claro!

— Eu sou responsável pela vida de Cauthon Despair. Com... — Rhodan mordeu os lábios. Que ele ainda tinha que pedir permissão, era demais!

— Com a sua generosa permissão, eu mesmo vou procurar os meninos, coronel, com o meu pessoal!

Porém Kerkum balançou a cabeça.

— Eu sei o que você está pensando — disse ele, levantando o dedo em censura. — O rato não pode entrar em Mashratan. Se fosse comigo, eu faria uma exceção, mas os santificados sóis precisam ser convencidos. Caso contrário, você violaria as nossas leis. Precisamos de um valuk deles.

Kerkum explicou que um valuk era uma espécie de opinião dos melhores teólogos. Quando ficou claro que se Gucky fosse autorizado a entrar em Mashratan, Kerkum também daria a sua permissão. Perry respirou fundo. Os pequenos Cauthon e Rosan talvez estivessem em grande perigo e ele tinha que se preocupar com estes fanáticos religiosos.

Rhodan não era estadista. Ele não tinha que prestar atenção ao protocolo. Mas ele também não queria se tornar inimigo de Kerkum.

— Se isso for rápido. Por favor me conduza ao seu Grande Inquisidor.

— Eu estou pedindo uma audiência com os santificados sóis.

Kerkum bateu palmas duas vezes. Um servo veio correndo, ele passou a ordem adiante. Rhodan precisava de ar fresco. Ele foi até a varanda e olhou para o horizonte esplendente de Vhrataalis.

O céu estava vermelho-sangue. O sol Mashritun A estava completamente afundado. Agora, apenas a anã vermelha ficava acima do horizonte, dando ao firmamento esta visão fantástica e sombria.

Rhodan olhou para a lua Hugin. Ela parecia, a partir da vista de Mashratan, maior do que a lua da Terra. Mas Mugin, a segunda lua, parecia um pouco pequena. A topografia das duas luas se assemelhava em grande parte à da Lua. Era marcada por antigos vulcões e crateras de impactos de meteoritos. Só que o satélite da Terra estava agora repleto de cidades e complexos. Embora Rhodan também reconhecesse a olho nu as instalações em Mugin e Hugin, as duas luas não eram tão densamente desenvolvidas como a boa e velha Lua.

Rhodan olhou em volta brevemente. Kerkum tinha desaparecido. Aparentemente, ele queria convencer o clero a falar com Rhodan. Não importa qual decisão tomassem, Gucky estava tentando agora, em órbita, localizar Cauthon. Mas era difícil. Especialmente porque Cauthon aparentemente era mentalmente estabilizado. Talvez o ilt tivesse mais sorte com Rosan. Mas Rhodan não poderia esperar milagres em poucos minutos. Podia levar horas para o rato-castor ordenar as

correntes de pensamento da população mashratana e filtrar os pensamentos de Rosan.

Rhodan não queria ficar sentado de braços cruzados. Mashratan era grande. Rhodan pensou nos dados que tinha pegado via hipnotreinamento antes de voar ao sistema Mashritun.

A topografia de Mashratan era dominada por quatro grandes planaltos que subiam cerca de 200 a 500 metros acima do deserto que abrange todo o planeta. Os primeiros colonizadores nomearam estes níveis elevados, em memória de seu lar na Terra, de continentes, embora não houvesse mais oceanos presentes em Mashratan.

Os vastos desertos de areia, que tinham enchido os antigos mares, eram ainda largamente inexplorados. No vernáculo dos mashratanos eles eram referidos como “o *vestíbulo do inferno*”. Mesmo os habitantes adaptados ao clima quente do planeta não poderiam sobreviver nas vastas planícies sem a roupa protetora adequada, pois as temperaturas predominantes eram de cerca de 60°.

Assim, o assentamento humano era limitado aos planaltos que possuíam condições climáticas *moderadas*, na visão dos mashratanos.

Rhodan esperava que as duas crianças estivessem ao menos nas regiões habitáveis do planeta.

Dentro do planalto continental havia extensas cadeias de montanhas; acima de um limite de 3.000 metros havia um clima comparável com o da Terra.

Mas, também ali, a falta do ciclo da água funcionava. Precipitações eram extremamente raras. Os picos das montanhas com mais de 7.000 metros tinham geleiras extensas cujo degelo representava a principal fonte de água de Mashratan. Nas vastas planícies prevalecia uma paisagem comparável aos semidesertos da Terra. Outras grandes áreas eram caracterizadas por desertos de areia e cascalho.

As montanhas Sainah tinham um especial papel topológico: elas formavam uma espécie de parede, como a de uma gigantesca cratera, na região polar norte. As montanhas formavam três quartos de círculo, chamado de Ártico em memória à Terra.

Pesquisas geológicas mostraram que ali ocorrera, no passado do planeta, a colisão com um enorme corpo celeste. Investigações mineralógicas mostraram que a grande perda de água da superfície tinha sido causado por esta catástrofe cósmica há cerca de 70 milhões de anos.

Nas montanhas havia numerosos esconderijos e certamente muitos sistemas de cavernas. Como eles poderiam encontrá-los? Ele precisava de Gucky!

— Senhor?

Rhodan se virou. Era o filho do coronel Kerkum, Ali Urban Judaea.

— Os santificados sóis lhe concederam uma audiência.

— Bem, finalmente!

Rhodan olhou para o seu relógio. Com a espera, ele tinha perdido preciosos minutos na sacada.

Ali Urban Judaea el Kerkum levou ele e Glaus Mulltok a um transmissor. Este, aparentemente, os levaria ao clero.

— Você primeiro — insistiu Rhodan.

Ele não confiava muito no clã Kerkum. A prole careca do coronel sorriu e deu um passo através do transmissor. Mulltok e Rhodan trocaram um olhar amigável, então Rhodan entrou.

Ele se encontrava novamente num pátio. Diante dele havia quatro pilares poderosos, dois de cada lado. Havia vários símbolos nas pontas. A cruz do cristianismo, o crescente do Islã, a estrela de David do judaísmo e as duas lanças do culto ao Vehraáto dos arcônidas.

Ali Urban Judaea apontou para um grande edifício. Era uma mistura de cúpula de cristal com catedral. Mas o templo também abrigava a arquitetura muçulmana e judaica. Ele parecia realmente um palácio de Deus, que uniu as religiões umas com as outras.

Mulltok chegou agora pelo transmissor e olhou com admiração para o enorme edifício.

Quando chegaram à entrada, havia pessoas em vestes marrons simples. O filho do coronel identificou os dois terranos. A admissão lhes foi concedida.

Um anão gordo e calvo correu em direção a eles. Ele era um sacerdote do sol e os levou pelos corredores.

Eles chegaram às salas dos heróis, que mostravam os antigos heróis das lendas do Vehraáto: lemurenses, tefrodenses, arcônidas e aconenses. Para cada variação teológica havia um corredor. Finalmente chegaram ao salão dos heróis lemurenses.

Agora eles passaram pelo *hall* dos profetas. Rhodan parou perplexo quando viu uma estátua de si mesmo. Próximo a ele estava Atlan. Ambas as estátuas foram moldadas de um bloco de pedra branca, que lembrava o mármore. À direita estava a estátua de uma mulher, na qual ele reconheceu a imagem de Mirona Thetin. Ela tinha sido feita de um material negro. Em contraste com ele e Atlan, a estátua da tefrodense estava vestida apenas com roupas leves. Relutantemente, ele ficou fascinado com a apresentação da “Senhora das Estrelas”. O sacerdote do sol fez uma pausa e disse com um sorriso lascivo:

— A Imagem da Mirona Negra parece encantar o profeta Perry Rhodan. O seu retrato encarna a tentação do pecado e da maldade viciosa inerente ao corpo feminino, ao qual nem mesmo o profeta Atlan pôde resistir, como é conhecido por você. Portanto as mulheres mashratanas devem esconder os seus corpos pecaminosos do público, a fim de proteger os filhos de Deus contra a tentação pelo demônio interno da Mirona Negra. Mas quando a batalha final entre a luz e a escuridão se aproximar, a Mirona Negra e todos os seus demônios serão purificados no lago de chumbo do inferno e se reerguerão liderando os exércitos da luz na última luta ao lado dos profetas. Assim diz o livro sagrado do Vhrashium, por toda a eternidade. Amém!

O sacerdote fez uma reverência para a estátua negra e seguiu em frente. Rhodan estava atordoado. Um amálgama idiota de loucura, mitos antigos, puritanismo sexual e besteira absoluta. Balançando a cabeça, ele se separou da visão da estátua e seguiu o sacerdote. Ele se perguntou quantos salões ainda haveria na frente deles. A resposta veio prontamente, porque agora estavam na área mais sagrada do templo.

Imagens de santos das religiões terranas estavam dos lados esquerdo e direito, bem como a insígnia de várias mitologias. Na frente dele estavam entronizados três homens mais velhos com barbas alucinantes. Eles estavam vestidos com túnicas branca, verde e vermelha. A luz era amena e surpreendentemente fresca. O canto de pequenas vozes ecoava suavemente pelo quarto escuro, mas suntuosamente decorado.

Rhodan sabia que estava na frente dos mais altos dignitários da religião mashratana.

O coronel Kerkum veio suavemente de outra sala e apontou para os três. Rhodan acenou para ele favoravelmente.

— Santificado Perry Rhodan — disse o homem no traje verde.

— Deus é bom. Deus é grande — disse o homem com o traje vermelho.

— O homem é a imagem de Deus. E somente os filhos de Deus devem transformar o mundo sagrado — agora o sacerdote vestido de branco se pronunciava.

— Mas... — Glaus Mulltok começou, mas ele não disse mais nada quando os três sumos-sacerdotes o olharam sombriamente. Rhodan colocou a mão em seu ombro e deu a entender a Mulltok que ele assumiria a conversa.

— Eu respeito a sua fé, senhores! Mas duas crianças estão desaparecidas e provavelmente em perigo. Com a ajuda de Gucky, o ilt, podemos encontrá-las rapidamente. Gucky sempre foi um amigo da Humanidade.

O clérigo de veste verde tossiu. Levou um tempo para se recuperar de sua tosse. O vermelho se levantou e disse: — As obras da besta são bem conhecidas. Mas se Deus quisesse que os ratos-castores vivessem conosco, ele nos teria dado mais deles em vez de tomar todos eles.

— Sim, sábio, muito sábio — concordou o velho com o traje branco e acrescentou: — Não é assim, por isso diferente. Amém!

Rhodan mordeu os dentes. Ele não tinha tempo para lidar com essas pessoas abiloladas. Cauthon e Rosan estavam em perigo! Mas eles agora o colocaram como um profeta. Certamente isso era um trunfo, mas ele não era um santo e certamente não um emissário de Deus. Bem, ele foi o escolhido de AQUILO e foi uma vez Cavaleiro das Profundezas, em nome dos Cosmocratas, todos altos poderes. Mas era repugnante para ele se apresentar igual a Deus.

— Gucky tem uma vontade forte. É ele irá se teleportar por toda a Mashratan.

Um murmúrio atravessou os três homens. Também o coronel Kerkum e o seu filho pareciam assustados.

— Isso é blasfêmia! — gritou o verde.

— Será? Se Deus quiser, ele vai impedir Gucky de entrar em Mashratan. Se ele não o fizer, eu suponho que Gucky tem a bênção do Senhor.

Silêncio. Rostos perplexos e suspeitos. Rhodan lhes tinha vencido em seu próprio jogo.

— Os caminhos do Senhor são inescrutáveis. Mas nós somos os seus servos. Os guardiões de Vhrato acabarão com o animal quando o encontrarem. Que isso fique claro para você, Perry Rhodan — o homem do traje branco disse em seu aviso.

— Deixe eles tentarem. Correremos o risco para o benefício das duas crianças humanas.

O resto guardou para si. Era inútil fazer uma palestra sobre ética para aqueles homens. Eles se mantinham na ilusão de que as suas crenças eram infalíveis. A religião era bonita e boa, mas quando a vida dos outros era posta em risco ou intencionalmente incluída nos cálculos “divinos”, a fim de aderir às rígidas leis, Rhodan era contrário. Essas pessoas se descreviam como servos de Deus, mas elas estavam julgando como deuses!

— Bem, vamos colocá-lo nas mãos de Deus e não vamos mais falar sobre o incidente. Vá com Deus, Perry Rhodan!

O homem da túnica vermelha acenou com a mão em direção à saída. Rhodan tinha entendido. Ele e Mulltok deixaram os salões sagrados de Mashratan.

Rhodan olhou para o coronel Kerkum interrogativamente.

— Para o bem das boas futuras relações, lhe peço que Gucky aja discretamente. Os habitantes de meu planeta não conhecem estrangeiros. A sua presença vai assustá-los.

Rhodan sorriu.

— Se você quer ser Marechal Solar, você vai precisar se acostumar com Gucky.

Kerkum fez um barulho estranho. Rhodan não olhou mais para ele. Ele informou Gucky pelo intercomunicador. A voz do ilt soou através do alto-falante.

— Muito bem, então eu vou perseguir algo que tem medo no deserto do Heini. Mas o que me preocupa, porém, é que eu não o percebi na zona do palácio ou no complexo do templo. As para-armadilhas foram obviamente reforçadas. Seja cuidadoso. Talvez estes camelos do deserto estejam tentando esconder alguma coisa.

— Obrigado, eu terei cuidado. Encontre as duas crianças!

— Se eles não estiverem num dos dois distritos, vou tê-los em breve.

Rhodan terminou a ligação. Agora tudo estava nas mãos de Gucky.

Capítulo 10

Sequestrados

Rosan finalmente acordou da inconsciência. Ela se levantou, mas quando me viu, ela ficou mais quieta.

— Onde estamos?

— Eu não sei. Eu também acordei aqui.

Estávamos num quarto miserável, mal iluminado. Havia palha no chão e cheirava lamentavelmente. Tão mal, nem mesmo Aleks Shyff cheirava.

A porta para a próxima sala estava trancada e as janelas tinham grades. Era noite. Afinal, estava um pouco mais frio.

— As formas com o véu de energia nos sequestraram. Por quê?

Eu não podia responder à pergunta.

— Estou com medo — Rosan sussurrou.

Medo? Era incrível, mas eu não sentia medo. De alguma forma eu estava mesmo muito animado. Isso era uma verdadeira aventura. Eu estava com medo da vida cotidiana na escola, da falta de amor da tia Ivy e da raiva de tio Tuzz. Mas agora eu não estava com medo.

Tudo vai ficar bem. Uma coisa eu sei com certeza. Perry Rhodan e Gucky não vão nos decepcionar. Eles já devem estar procurando por nós.

— Isso soa plausível. Eles simplesmente não devem demorar tanto tempo.

Nós ouvimos passos no quarto ao lado. As pessoas conversavam no idioma mashratano. Ele se assemelhava ao intercosmo, mas tinha o seu próprio dialeto, o que o tornava difícil de entender para mim.

Uma luz pálida brilhava através da fenda da porta. Uma sombra a interrompeu. Eles estavam diante da porta. O bloqueio foi pressionado. Rosan tremeu e se agarrou a mim. O que era aquilo? Típico das meninas! Mas de alguma forma agradável. Eu era o seu herói! Uma sensação estranha.

Mas aos poucos eu tive uma sensação incômoda. E se Rhodan e Gucky viessem tarde demais?

A porta se abriu rangendo. Três homens olhavam para nós.

— Saiam! Vamos, vamos.

Eu ajudei Rosan. Nós fomos para outro quarto, que era mais iluminado. Um tapete de veludo estava espichado no chão.

— Sentem-se criancinhas — disse um homem.

Eu tinha dado uma olhada para todos os três com mais detalhes. Quem falou para nós era gordo e tinha uma barba espessa. Ele se apresentou como Abdulla. O outro era Susuk, mal tinha dentes e cheirava muito mal. Ele usava roupas sujas e esfarrapadas. Mas o terceiro se vestia bem, não tinha barba e apresentava um olhar feminino. Ele chamou a si mesmo de Aly-Effi.

Nós nos sentamos. Eles nos deram limonada e nos ofereceram biscoitos. Mas nem Rosan nem eu estávamos com fome.

— Por que estamos aqui? — A mestiça arcônida finalmente quis saber.

— Não seja tão impertinente, menina! Caso contrário, há um yekjab — Susuk ameaçou.

Em seguida, ele colocou o seu cachimbo na boca e puxou-o com prazer. Os olhos dele se contraíam da esquerda para a direita.

— Devemos cuidar da menina até que ela seja pega novamente — disse Abdulla.

— Vocês nos trouxeram um monte de dinheiro. O cliente foi muito generoso.

O gordo mashratano riu e coçou a barba.

— E o que será de mim? — perguntei, inquieto.

Aly-Effi sorriu para mim.

— Você é tão jovem e tão inocente. Você poderia ser um dançarino de Tuffa-jab-jab.

Engoli em seco.

Tuffa-jab-jab? Dançarino? Eu não sabia exatamente o que era, mas não soava como se eu quisesse fazer isso.

Aly-Effi levantou-se, ergueu as mãos e as moveu ritmicamente. Ele cantou uma melodia. Os outros dois homens olharam engraçado para mim e riram.

Rosan pegou minha mão. Ela estava tão desconfortável quanto eu. Lentamente eu ficava com medo. Quando Aly-Effi pôs as mãos em volta de mim, eu me afastei. Na parede pendia um sabre. Peguei-o. E quase deixei cair a coisa pesada. Eu apontei para os três mashratanos.

— Não me toquem! Logo chegará o grande mal em cima de vocês. Irão conhecer a ira do matador simultâneo em toda parte!

Mas os três apenas riram de mim. Eles não me levaram a sério. Droga! Rosan e eu nos sentamos num canto. Eu mantive a espada comigo. Por isso, talvez estivéssemos a salvo das patas das bestas.

Os três homens fumavam cachimbo e ficavam sempre descontrolados. Eles riam, gargarejavam e cantavam.

Eu esperava que minha ameaça não tivesse sido em vão? Onde você estava matador simultâneo em toda parte?

* * *

Enquanto Gucky se teletransportava por toda Mashratan para encontrar Cauthon e Rosan, Perry Rhodan se ocupava com a história por trás do sequestro. Quem ganharia algo com o sequestro das duas crianças? E quem era capaz de fazê-lo? Afinal, o palácio do coronel Kerkum era uma prisão de segurança máxima. Para Rhodan ficou claro que alguém das fileiras dos tribunais estava por trás disso.

Glaus Mulltok estava acobertando. Ele estava escondendo alguma coisa de Rhodan. Obviamente Mulltok estava com medo. Mas de quem?

O coronel Kerkum veio em direção a Perry. Atrás dele, um número de guardas. Eles arrastaram uma jovem mulher pelo corredor. Ela estava suada, tremendo e obviamente fora torturada.

— Meu serviço secreto cuidou do assunto. Junto com os guardiões de Vhrato encontramos o culpado.

Kerkum olhou com desdém para a jovem mashratana. Os guardas a jogaram no chão.

— Ela confessou imediatamente após o interrogatório embaraçoso. Um caso claro, ela é a culpada.

Interrogatório embaraçoso? Rhodan se lembrou desses métodos de tortura da Idade das Trevas. A Inquisição os havia aplicado para extrair confissões.

Rhodan olhou para baixo com pena da escrava. Ele se abaixou. Ela olhou para ele com os seus olhos tristes.

— Eu... eu sinto muito — ela suspirou.

— Onde estão as duas crianças? — Rhodan perguntou em voz baixa, mas a mulher não respondeu.

— Fale Gazh Ala! — gritou um dos torturadores e a chutou de lado. Rhodan se levantou e empurrou o homem ao chão.

— Nós não lidamos assim com seres inteligentes. Nem hoje, nem na época do Império Solar! Vocês devem se lembrar disso!

Rhodan ajudou a enfraquecida Gazh Ala. Ele se inclinou e a levou para um sofá.

— A dor vai parar....

Para Rhodan ficou imediatamente claro que a mulher era apenas um peão. Ela provavelmente não tinha nada a ver com o sequestro.

— Se ela não quer dizer nada, Gucky vai ler a sua mente. Então, vamos saber se ela é culpada ou inocente — disse Rhodan, voltando-se para Kerkum.

Ele estava ficando cansado de ter de olhar para aquele rosto. Cada vez mais ele tinha nojo dele e deste mundo brutal e primitivo.

Rhodan informou a equipe do *space-jet*. Eles deveriam enviar um medorrobô para o palácio. Kerkum não ficou feliz, mas deixou Rhodan.

— Gucky não será capaz de ler os pensamentos no meu palácio. Nós temos para-armadilhas ligadas. Além disso há antis entre meu pessoal. — Rhodan tinha temido algo semelhante.

Rhodan olhou para a jovem e olhou para o seu rosto triste.

— O que realmente aconteceu?

Os guardiões de Vhrato contestaram, mas Kerkum os mandou ficar em silêncio.

— Duas mulheres com Yeshi-Hihab surpreenderam as duas crianças. Elas atiraram em mim. Quando acordei, nos jardins, elas tinham ido embora e os guardiões me capturaram.

A sua voz era fraca e cansada. Rhodan acreditava nela. A suposta confissão tinha surgido da dor e não tinha valor.

— Bem, senhor coronel — Rhodan começou e se virou novamente para o líder Mashratan. — Devemos descobrir quem eram as duas figuras. Você, sem dúvida, pode verificar as suas entradas e saídas.

— É claro! Eu vou verificar isso, Administrador-Geral. Nós encontraremos os verdadeiros culpados. Fora de vista, seus inúteis!

Kerkum despachou os agentes e guardiões de Vhrato. Rhodan tinha outro pedido. Ele queria falar com as crianças e convidados de Kerkum da Terra e Árcon. Rhodan tinha uma certa desconfiança!

Capítulo 11

A ira do matador simultâneo em toda parte

Eu não podia fechar os olhos. Eles só esperavam por isto para me desarmar. Embora Abdulla dormisse e Susuk aparentemente não conseguisse sequer lembrar quem era, devido a erva.

Mas Aly-Effi estava bem acordado. Ele tinha usado apenas água para uma xícara de chá. O assobio da chaleira parecia incomodá-lo pouco. Ele se sentou na nossa frente e sorriu.

— Pequenininho e doce Cauthi. Eventualmente, você vai adormecer. Então eu vou lhe tirar o sabre. Ah, você se tornará um belo dançarino. Você vai dançar na frente de homens de negócios, funcionários, polícias e até mesmo diante dos sacerdotes. Todos eles amam as pequenas crianças como você.

Eu olhei pela janela. O dia amanheceu. E eu também — em frente a estas formas. Eu não queria me tornar um dançarino. Eu odiava dançar. E, certamente, não na frente desses libertinos. Eles tinham que me deixar em paz. Eu era uma criança! Eu não queria ter nada a ver com algo semelhante!

— Quem lhe pediu para vigiar Rosan? — perguntei.

Aly-Effi sacudiu os ombros.

— Ele ou ela usava um Yeshi-Hihab! A figura nos deu um monte de dinheiro. Acho que foi alguém do palácio do coronel Kerkum. Abdulla tem contatos lá e eu... — Aly-Effi sorriu orgulhosamente. — Eu tenho uma boa clientela. Eles sabem que as crianças estão em boas mãos com a gente. Vamos brincar de alguma coisa?

Eu balancei minha cabeça. Rosan gemeu. Então ela abriu os olhos.

— Provavelmente foi um pesadelo? — ela sussurrou.

— Não, nós ainda estamos com esses três tipos de...

Aly-Effi começou a cantar uma canção mashratana. Ele fechou os olhos e tinha os braços e pernas esticados.

Eu queria sair daqui, finalmente!

Mas o que era isso? Como por magia a chaleira se moveu com a água fervente. Ela pairou sobre a cabeça de Aly-Effi e se descarregou em seu colo.

O mashratano gritou e pulou. Então ele foi erguido no ar e bateu contra a parede. Abdulla e Susuk agora também viram. Enquanto o pastor de refry rugia e olhava em volta perplexo, Abdulla queria pegar o seu radiador, mas então ele foi simplesmente levantado e bateu a sua cabeça três vezes contra a parede.

Finalmente, todos os três mashratanos flutuavam debaixo do teto.

— Seus infelizes resultados de uma noite de amor precipitado entre um kuhun e um refry, realmente ousaram?

Rosan me olhou fixamente. Ela provavelmente se perguntava quem tinha dito isso. Eu sabia! Era o mesmo que tinha há pouco brincado com essas três figuras. O Salvador do Universo.

Gucky!

Agora, o rato-castor vinha gingando pela porta da frente e colocou os braços na cintura.

Os três mashratanos agora gritavam ainda mais.

— Sim, vocês vêm corretamente. O pequeno Cauthon estava certo. A ira do matador simultâneo em toda parte recai sobre vocês. E eu sei que desta vez sem misericórdia. Rapto de crianças é o que me faltava! E os seus planos para Cauthon são ainda mais nojentos!

— Por favor, Deus! — implorou Aly-Effi.

— Ele deixou o planeta, provavelmente, milhares de anos atrás — disse Gucky. Depois suspirou. — O que eu faço agora com vocês, seus miseráveis? Você, Abdulla, não vai vender mais drogas. E você, Susuk, não vai mais bater em suas filhas, e vai mandá-las para a escola, lhes deixando a escolha do marido.

Ele deixou cair os dois. Eles se levantaram e queriam começar a correr, mas eles já estavam flutuando poucos centímetros acima do solo. Em vão eles correram, mas os seus pés estavam no ar.

A visão divertia Cauthon e Rosan, era evidente, tirara um peso do coração.

Gucky arremessou os dois de cabeça, um contra o outro. Inconscientes, eles cairão no chão.

— Agora, para você, seu nojento, pervertido desgraçado! Devo lhe dar mais uma chance?

Aly-Effi choramingou por misericórdia. Mas Gucky parecia não considerar isso. Pelo contrário, eu notei que o rato-castor estava realmente irritado.

— Eu não gosto do que eu li em suas memórias. Você deve tomar no futuro uma grande distância das crianças. *Bem grande!*

Gucky puxou o mashratano gritando até ele e se teletransportou. Alguns momentos mais tarde Gucky reapareceu sozinho.

— Eu apenas levei o lixo para fora. Vocês estão ilesas, crianças?

— Sim! — gritou Rosan e abraçou Gucky, que ficou visivelmente satisfeito. Eu fiz o mesmo.

Gucky nos teletransportou para longe deste lugar terrível. Nós fomos salvos!

* * *

Nós materializamos diante do complexo do palácio gigantesco, entre um aglomerado de pessoas. Elas inicialmente ficaram com medo, quando nós aparecemos tão de repente. Depois que tomaram conhecimento de Gucky, saíram às pressas.

— Hum, eles não gostam de mim. Eles acham que eu sou um demônio. Que atrevimento!

Gucky explicou que o edifício do governo era protegido por para-armadilhas e antis.

— Nós temos que caminhar; e com os meus pés chatos — lamentou o rato-castor e tirou uma risada de mim e Rosan. Os guardas da entrada bloqueavam o nosso caminho.

Gucky parou e olhou para os soldados em seus uniformes verde-azuis.

— Diga ao seu coronel que o oficial especial Gucky está aqui. Apresse-se, caso contrário eu te teleporto para o pátio do inferno!

Um oficial correu para o intercomunicador e voltou um pouco mais tarde. Os soldados liberaram o caminho. Após alguns minutos, chegamos a uma sala de transmissores. O palácio estava a quatro quilômetros de distância de nós. Gucky já estava ficando sem ar.

— Eu não vou passar por nenhum transmissor. Isso vai contra a minha dignidade como um teleportador — protestou o rato-castor.

— Mas... — a sua pata apontou para a frota — num planador eu subo.

O oficial informou aos seus subordinados. Eles trouxeram um planador que nos levou para o palácio principal. Lá já nos estavam esperando o coronel el Kerkum, Perry Rhodan e o pai de Rosan.

— Papai! — Rosan chamou alegremente. Ambos correram em direção um ao outro e se abraçaram. O seu pai até mesmo chorou de alegria.

— Nós faremos isso com dignidade — Gucky sussurrou.

Eu assenti.

Devagar e com passos cuidadosos fomos até Perry Rhodan, que cruzou os braços sobre o peito. Gucky saudou.

Missão cumprida — chefe! As crianças estão ilesas. Mas eu acho que nós deveríamos executar neste planeta algumas reformas muito profundas.

Rhodan se inclinou para mim e me abraçou brevemente.

— É bom ver você de novo, Cauthon. Eu sinto muito por ter te trazido comigo.

— Como assim? A aventura foi divertida. E Gucky chegou a tempo.

Eu não quis dizer isso. O sequestro tinha sido ruim, mas também muito empolgante. E, pela primeira vez na minha vida, eu tinha mostrado coragem. Eu estava um pouco orgulhoso de mim mesmo.

— O que você encontrou, pequenino? — Rhodan perguntou ao ilt.

Ele apontou para fora.

— Os três cabeças ocas não sabiam muita coisa. Representantes muito simplórios deste mundo. Eles foram subornados por uma cortina de energia negra. Dois dos tipos tinham contatos com o Tribunal.

O coronel Kerkum tossiu.

— Pena que suas armadilhas mutantes protegem os seus pensamentos. Eu adoraria lê-lo — Gucky lhe disse.

— A presença do rato em Mashratan não é mais necessária — respondeu Kerkum zangado.

Rhodan assentiu.

— Em breve deixaremos este planeta. De qualquer forma, não conduziremos relações comerciais um com o outro. Há muita coisa neste mundo que me desanima de uma parceria — Rhodan disse.

Kerkum inchou como um ramallete. Rhodan pediu que entrássemos no palácio com ele. Nós abandonamos Kerkum. Após um tempo, o coronel nos seguiu.

Nós caminhávamos através do salão de entrada numa sala adjacente. Lá estavam os Shorne, Uwahn da Jenmuhs, Arno Gaton, Spector da Orbanashol, um ser velado e o filho de Kerkum.

Depois que o coronel Kerkum também entrou na sala, Rhodan disse: — Um de vocês sequestrou Rosan e Cauthon. Na verdade, apenas Rosan Mulltok devia ser levada. Cauthon estava na hora errada, no lugar errado.

Os outros se olharam.

— Ridículo — disse o porta-voz hanseático Arno Gaton.

Da Jenmuhs arrotou alto. — E daí? Quem se importa com os dois pirralhos? Estou com fome.

Rhodan continuou. Ele explicou que os sequestradores só deviam cuidar de Rosan por alguns dias. Para isso, eles foram pagos. Cauthon tinha sido um presente especial. Gucky, em última análise, não teve problemas para sondar os pensamentos dos três mashratanos.

Eles não sabiam quem era o contratante porque ele tinha aparecido num Yeshi-Hihab. Mas só podia ser alguém do palácio.

— Alguém capaz de deixar o palácio sem muito controle — concluiu Rhodan.

— A evidência fala claramente contra Yasmin el Kerkum — Gucky disse e apontou para a mulher na bolha energética.

— No entanto, há um problema. Qualquer um poderia realizar tal coisa — Rhodan acenou para o esquema de negro. Desativando a tela, Yart Fulgen apareceu. O comandante de Rhodan conseguira facilmente se transportar através do transmissor do *space-jet* para Mashratan e criar uma cópia do traje energético, a fim de caminhar até o palácio.

Os presentes ficaram surpresos.

Rhodan suspirou.

— Nós não podemos descobrir quem era. Gucky poderia sondar telepaticamente, mas isso não é possível neste palácio. Isto, obviamente, tem uma razão.

— Tudo bem, estamos prontos? — perguntou Spector da Orbanashol rudemente.

Rhodan coçou a narina esquerda. Ele observou Glaus Mulltok.

— Meu palpite é que seus amigos são responsáveis. Talvez da Orbanashol e da Jenmuhs ou Ali Urban Judaea el Kerkum. Talvez todos juntos.

Mulltok olhou Rhodan com espanto.

— Você resistiu contra os negócios com Mashratan. Da Orbanashol ainda tentou algo pouco antes do sequestro, você falou sobre a consciência. Isso é o que eu notei. O sequestro de Rosan deve ter sido uma lição para você. E os Kerkum

participaram, porque eles veem benefícios numa relação de negócios com vocês — disse Perry.

Isso também fez sentido para mim. Assim, poderia ter acontecido. Da Jenmuhs, Ali Urban Judaea e Spector da Orbanashol trocaram olhares significativos.

— Tiro certo — Gucky disse.

O coronel bateu palmas.

— Basta! Vocês são todos hóspedes da minha casa. Eu não quero mais ouvir sobre isso. Era a escrava e isso basta.

— Minha filha e eu partiremos! — Mulltok decidiu.

O terrano ruivo tinha decidido. Ele pegou Rosan pela mão e deixou o seu olhar vagar pela roda.

— Minha companhia não vai tomar parte nos negócios. Agradeço a Perry Rhodan por sua ajuda. Ele trouxe de volta minha Rosan. Estou ansioso para intensificar as relações comerciais com a Taxit.

Rhodan sorriu. Ele mandou Yart Fulgen acompanhar os Mulltok para o local de pouso. O *space-jet* deveria escoltá-los até a ÁRIES.

Além disso ele também se ofereceu para escoltar com a ÁRIES Mulltok o seu iate espacial até que deixassem o sistema Mashritun.

Rosan pediu meu hiperendereço de e-mail. Ela prometeu me escrever. Uau! Eu tinha um amigo de correspondência. Ela era, ao lado de Robbie, meu segundo amigo. Mas talvez Perry e Gucky também fossem. Me senti de alguma forma mais forte e mais corajoso do que antes.

— Nós também vamos partir — Rhodan disse.

O coronel Kerkum abriu os braços. Rhodan deu um passo para trás.

— Coronel, este planeta precisa de reformas. Você deve dizer adeus às suas leis antigas. Escravidão e tirania não existem mais há milênios. Seja feliz que eu não sou o Administrador-Geral e não há mais o Império Solar, porque senão eu teria decidido pela execução de profundas reformas em matéria de direitos humanos.

Rhodan saudou a um perplexo coronel, aparentemente numa sugestão de sarcasmo. Ele não podia nem falar. Ele olhava Rhodan com um olhar triste e parcialmente horrorizado.

Agora eu estava feliz por estarmos a caminho de casa. Eu não estava ansioso pela escola, tia Ivy ou tio Tuzz, mas Mashratan era um mundo onde eu não queria ficar muito tempo.

Ela era quente, seco, arenoso e habitado por um povo estranho.

Deixamos o palácio. Os sóis estavam agora novamente queimando quente o mundo abaixo.

Acima de nossas cabeças rugiu o iate de Glaus Mulltok. Eu acenei. Apenas um momento depois o *space-jet* assobiou sobre nós no céu.

— Táxi! — gritou Gucky, apontando para o planador que tinha nos trazido antes para o palácio. Após alguns segundos, o veículo estava conosco. Nós fomos. Silenciosamente olhamos os edifícios e áreas verdes do complexo do governo, que foram substituídos pouco depois por quartéis, torres de vigia, locais de desembarque e outras maquinarias de guerra ao redor.

Finalmente chegamos à saída. Rhodan disse adeus apenas aos soldados mashratanos.

Atrás de nós, o portão de entrada e o bloqueio do escudo de energia piscaram.

Gucky olhou esperançosamente para Rhodan e para mim.

— Pronto?

— Sim! — exclamei.

Nós pegamos na mão de Gucky, então, no momento seguinte, estávamos na ÁRIES.

O *space-jet* e o iate espacial de Glaus Mulltok atingiram as coordenadas da ÁRIES.

— Um planeta medonho — Gucky disse.

— Um planeta triste — Rhodan disse pesadamente. — Eu sinto muito pelos habitantes deste mundo.

— Eu não. Eu expus este Tuffa-jab-jab abusador no deserto. Ele mereceu! Você deveria ter lido os seus pensamentos.

O rato-castor tremeu de desgosto.

— Eu senti muito pelo sofrimento da menina que foi torturada. Uma escrava de Kerkum.

O quê? Gazh Ala foi torturada? Fiquei surpreso e puxei a manga de Perry Rhodan.

Tínhamos de salvá-la. A pobre Gazh Ala não poderia ser tão facilmente abandonada à sua sorte. Eu pedi a Rhodan para salvá-la. Eu me lembrava muito bem de suas palavras. Que eu era um cavaleiro para ela.

Perry e Gucky se olharam interrogativamente.

— O que devemos fazer? Ela está no palácio. Gucky não pode simplesmente teletransportar para lá.

Yart Fulgen tossiu.

— A tripulação do *space-jet* tinha, durante a sua permanência, olhado um pouco ao redor, para coletar informações de inteligência. O controle das entradas e saídas é muito primitivo, via cartões de código com imagens holográficas.

— Eles também reconheceriam Gucky com um cartão de código — Rhodan disse.

Fulgen sorriu.

— Não se você levar dois Yeshi-Hihab. Várias concubinas e criadas deixam o palácio para visitar parentes ou para fazer compras. Nós sequestramos duas, pegamos o cartão de código e você pode entrar e trazer a mulher para fora.

Eu concordei com o plano de Yart Fulgen e pedi a Perry Rhodan para executá-lo. Gucky já tinha concordado. Agora tudo dependia de Rhodan. Fulgen continuou com o seu plano. As duas outras mulheres ficariam atordoadas por um curto tempo, copiaríamos o código e programaríamos os novos cartões. No cartão de código de uma das outras duas mulheres um pequeno programa seria instalado, que alimentariam os dados de acesso e de identificação dos dois novos escravos Perryane el Rho e Gucki el Mausí no sistema de segurança.

Fulgen explicou que não seria um problema. Ele tinha, além de suas atividades como agente, também sido antes um especialista em sintrônica.

— Por favor, Perry! — eu implorei.

— Sim, por favor, Perry! — agora também Gucky pedia.

Rhodan suspirou.

— Como não posso discordar, sim. Vamos salvar a escrava. Eu gostaria de poder sacudir todo o planeta, mas isso não é possível.

— Uma vida salva ainda vale alguma coisa? — perguntei.

Rhodan sorriu.

— Sim, Cauthon, é isso! Você é muito maduro para os seus 10 anos e tem um bom coração. Permaneça assim!

Este elogio significou muito para mim. Um louvor de Perry Rhodan. Eu estava no céu. Agora eu pressionava dois dedos cruzados para que a operação tivesse sucesso.

Capítulo 12

O Salvador do Universo

— Você está horrível, Perryiane! — Gucky gracejou.

— Porém, você se vê exatamente, Mausi! — Rhodan replicou.

Ele via apenas negros esquemas brilhantes a sua frente. A vista através do Yeshi-Hihab também era turva. Rhodan tinha que ter cuidado para não tropeçar. Como é que as mulheres podiam se mover tão agilmente com isso? Eles ficaram em frente à entrada. Outra guarnição de vigilância controlava as entradas.

Eles se misturaram num punhado de outras Yeshi-Hihab para permanecer discretos. Agora eles descobririam se o plano de Fulgen tinha sido bem-sucedido.

Rhodan colocou o cartão de identificação na fenda de uma velha positrônica. Um som agradável ressoou. Rhodan continuou. Agora era a vez de Gucky. Eles tinham ajustado o Yeshi-Hihab especialmente mais alto, de modo que a sua baixa estatura não fosse notada. Isso também poderia lhe acontecer. Um dos guardas olhou para ele. Gucky parou brevemente.

— Olá querido! — ele flertou.

Gucky! Como ele pôde. O guarda olhou para ele estupefato, então sorriu. Gucky apenas continuou. Rhodan o seguiu com raiva.

— Pare com essas palhaçadas!

— Essa coisa estúpida não está funcionando. O cara só tinha pensamentos totalmente impuros — o rato-castor disse.

Alguns momentos depois, suas habilidades telepáticas ficaram nubladas. Quanto mais fundo penetravam nos jardins do palácio, menos pensamentos ele podia ler, até que se tornou impossível.

Gucky amaldiçoava! Rhodan sabia que o mutante se sentia desconfortável em tais situações, quando não podia acessar as suas habilidades psíquicas.

Um grande planador os levou para o palácio. O veículo foi projetado exclusivamente para mulheres vestindo o Yeshi-Hihab. Um robô o controlava. As mulheres fofocavam. Nada que Rhodan quisesse ouvir. Ele duvidava que Gazh Ala estivesse entre as mulheres com véus.

— Você também ouviu dizer que aquela Gazh Ala estava envolvida no sequestro de duas crianças estrangeiras? Eu não penso assim — Gucky de repente, disse em voz alta.

Direto, mas talvez eficaz. As mulheres conversavam tudo sobre o acontecimento, todas ao mesmo tempo. Algumas confirmavam que Gazh Ala era culpada, outras que era uma vítima. Elas sugeriram o interrogatório embaraçoso. O palácio chegou mais perto. Rhodan ficou impaciente. Finalmente veio a pista crucial. Uma mulher disse que Gazh Ala seria de fato absolvida do sequestro, mas os

guardiões de Vhrato a tinham prendido porque tinha se mostrado sem o véu aos convidados estrangeiros do coronel Kerkum.

Rhodan permaneceu simplesmente boquiaberto. Os guardiões de Vhrato a tinham arrastado para a câmara de tortura.

— Oh, que cadela. Provavelmente queria desvirtuar o Profeta Perry Rhodan. Uma coisa terrível. Ela tem um castigo bem-merecido — Gucky fingiu.

Afinal, eles agora sabiam onde deviam procurar Gazh Ala. Infelizmente, a seção da prisão estava fora do complexo do palácio do coronel Kerkum. Era um anexo.

Para o seu pesar, ele era muito bem guardado. Mas Rhodan tinha estabelecido um plano. Ele e Gucky se dariam a conhecer à guarda do portão e declarariam que eles tinham declarações incriminatórias sobre o comportamento odioso da pecadora Gazh Ala el Finya.

O guarda de plantão os levou para uma sala de interrogatório. Ele era rude e tratava os dois deliberadamente com desprezo.

Os dois estavam sentados em desconfortáveis cadeiras de madeira numa sala estéril, mal iluminada, sem janelas. Para a sua surpresa, entrou uma figura em Yeshi-Hihab no quarto. Ela desativou a sua ocultação.

— Eu sou a agente Sarina Tatjana il Fascetti. Vocês podem desligar o véu.

Porcaria!

— Eu gostaria de não me revelar. É meu direito religioso e fortalece a minha autoconsciência — Gucky disse. — E, além disso, quem sabe, se com a minha visão, você não terá pensamentos impuros.

Isso não convenceu a mulher. Ela puxou o radiador energético e o apontou para Gucky e Rhodan.

— Vamos fazer o que a mandona quer — disse Perry, desativado o véu de energia. Gucky fez isso muito bem. A mulher ficou horrorizada quando viu os dois, e se contraiu visivelmente com a visão de Gucky. Rhodan se aproveitou da sua confusão e empurrou a mesa contra ela. Ela deixou cair a arma e Gucky rapidamente a pegou e segurou.

— Eu sou o Salvador do Universo. E se você for desobediente, um animal demoníaco irá infectá-la com pulgas até o fim dos seus dias.

Rhodan abominava a violência, mas ele agarrou a agente pelo colarinho e a puxou para cima.

— Agora me diga, onde é que vamos encontrar a escrava Gazh Ala. E onde está o gerador para as para-armadilhas?

Gucky começou a rosnar. Aparentemente isso foi o suficiente. Ela nos deu uma descrição detalhada. Gucky paralisou a mashratana. Gucky e Rhodan ativaram os campos defensivos energéticos e pesquisaram primeiro pela sala com os geradores das para-armadilhas.

Como Rhodan tomou o cartão de identificação de el Fascetti e nenhum dos guardiões de Vhrato ousou mandar o terrano e o rato-castor desligarem o Yeshi-Hihab, eles chegaram livremente à sala do gerador.

Antes que os dois técnicos respondessem, Gucky os paralisou. Rhodan olhou para os controles.

— Vamos simplesmente puxar a tomada — Gucky sugeriu.

— Cale-se, por favor. Isso é inútil.

— Oh? Minhas sugestões construtivas e bem pensadas são inúteis? Por favor, sr. Herdeiro do Universo, então faça isso você mesmo.

Gucky fez beicinho. Isso deu a Rhodan a paz que precisava para se familiarizar com o sistema operacional do computador. Ele desativou o paraescudo e olhou Gucky interrogativamente. O rato-castor compreendeu. Um pouco mais tarde, ele flutuou para cima suavemente e então retornou ao chão.

Rhodan riu. Tinha funcionado. Gucky soltou um grito de alegria.

— Eu não tenho nada menos do que o desejo de colocar toda a gangue aqui no calabouço.

— Não, pequenino! Localize os pensamentos de Gazh Ala e, em seguida, nos teleporte de volta à ÁRIES.

Gucky resmungou alguma coisa e depois desapareceu, apenas para retornar alguns segundos depois com a mashratana atônita.

— O quê?

— Uma ideia do seu amigo Cauthon! Quer ficar em Mashratan ou vir com a gente?

— Para as estrelas? Outro planeta?

— Sim — respondeu Rhodan, um tanto impaciente.

Por fim, ela concordou. Rhodan pegou a mão de Gucky e eles teletransportaram para a ÁRIES.

A missão de resgate foi concluída. Eles tinham, afinal, resgatado uma criatura dos asseclas do coronel Kerkum, preservando-a de muito sofrimento.

Capítulo 13

Partida

— Eu gostaria de ir para a Terra. De onde meus antepassados vieram — Gazh Ala el Finya decidiu.

Perry Rhodan disse a ela que a levaria para um escritório de Camelot na Terra, onde se poderia ajudá-la a começar uma nova vida.

Eu me arrependi um pouco. Eu esperava que Gazh Ala fosse para Camelot. Ela teria que trabalhar para nós. Afinal de contas, ela me agradeceu e me deu um beijo na bochecha. Corei e também fiquei mal de repente.

— Você é meu cavaleiro, Cauthon! — Ela suspirou e então me abraçou com força.

Yart Fulgen levou ela para a sua cabine, enquanto Gucky dava um saudável bocejo e se retirava para a sua “meditação”. Perry Rhodan sorriu para mim.

— Eu estou orgulhoso de você!

Eu também estava. A minha primeira grande aventura tinha acabado. Esperava que essa não tivesse sido a última.

As últimas palavras de Perry Rhodan para mim me haviam impressionado. Eu ainda pensava nisso muitas semanas depois.

— Mashratan, meu querido Cauthon, é um lembrete. Ele nos mostra como a moral, a liberdade e a justiça são frágeis numa civilização. Como é fácil cair na tirania, intolerância e estreiteza de visão. Nós nunca devemos ter preguiça de lutar pelos nossos direitos, porque senão vamos perdê-los mais rápido do que pensamos.

“Há inteligências que nos invejam por sermos relativamente imortais. Outros nos condenam. Eles não sabem nada de nós, pois apenas observam nossa luta pela justiça. Estamos fazendo isso há milhares de anos.

Mas não somos só nós. É dever de cada ser fazer o mesmo. Podemos ter um olhar mais sutil para isso e vê-lo como nossa tarefa óbvia, mas cada geração tem os seus próprios heróis. Cabe a cada indivíduo querer decidir por este caminho pedregoso ou escolher uma vida diferente.”

Epílogo

Em meados do ano 1275 NCG, a mídia informou sobre um grande acordo entre as empresas das indústrias Shorne, a Liga Hanseática Cósmica e o consórcio dos arcônidas “Pela glória econômica de Árcon” com o planeta Mashratan. O sistema Mashritun estava cheio de hipercristais. Dificilmente houve reflexões críticas sobre esta negociação nos sistemas de mídia leais à LTL e ao Império de Cristal. Pelo contrário, porque Mashratan era descrito como um planeta tigre nas bolsas de valores, as empresas estatais também estavam atuando. Mashratan era considerado um mundo emergente com um crescimento econômico elevado.

Ninguém olhou nos bastidores. Ninguém ficou chateado pela falta de direitos humanos, pela igualdade inexistente ou pela proibição de seres inteligentes não humanoides de entrar neste planeta. Os problemas foram ignorados.

O Primeiro Terrano até mesmo elogiou, numa assembleia de acionistas do porta-voz da Liga Hanseática, o planeta Mashratan como uma exemplar da civilização moderna, que trazia cultura, tradições e progresso para o benefício de todos os povos alinhados da Via Láctea.

A corporação Glaus Mulltok Árcon & Terra celebrou, ao mesmo tempo, um tratado de negócios lucrativo com a Taxit. Poucos dias depois, ajuizou uma ação contra Mashratan no Galacticum.

Um autor anônimo denunciou a ditadura do coronel Kerkum e a repressão pela religião do Vhrato. Ele ressaltou as condições indignas em que muitas pessoas viviam.

O Galacticum não lutou por uma investigação depois que o Império de Cristal e a Liga dos Terranos Livres tinham lançado um veto.

A ação foi julgada improcedente em setembro de 1275 NCG.

A partir das crônicas

Jaaron Jargon

Setembro de 1275 NCG

FIM

A história do jovem Cauthon Despair é recontada no próximo livro de Dorgon. Tempos sombrios chegam para Cauthon Despair, que aparentemente não pode evitar o seu destino como um Filho do Caos.

Dorgon Livro 3 é escrito por Nils Hirseland e publicado sob o título:

O CAVALEIRO PRATEADO

Comentário

Eu espero que vocês, nossos estimados leitores, tenham lido o romance de Nils com tanto prazer quanto eu. Achei particularmente interessante a descrição das empresas no final do século 13 do Novo Calendário Galáctico.

Para este fim, quase que como uma espécie de pequeno Riff⁷, nos próximos volumes haverá muito mais “cor local” da LTL, Império de Cristal e muitos outros locais nos serão mostrados.

Mas agora o tema real do meu comentário: Mashratan, o mundo de extremos. O leitor de DORGON deve ter notado imediatamente que estamos entrando aqui em território desconhecido. E o mesmo com antecedência: o mundo desempenhará um papel importante sob a estrela dupla amarela e vermelha, cheio de intolerância e loucura religiosa, a maior potência de extremos climáticos, formas arcaicas de sociedade, mas rica em belezas naturais e riquezas minerais quase inesgotáveis, e desempenhará um papel importante nos próximos volumes. Tanto quanto eu já posso dizer sem destruir a tensão sobre a continuação da história.

Jürgen Freier

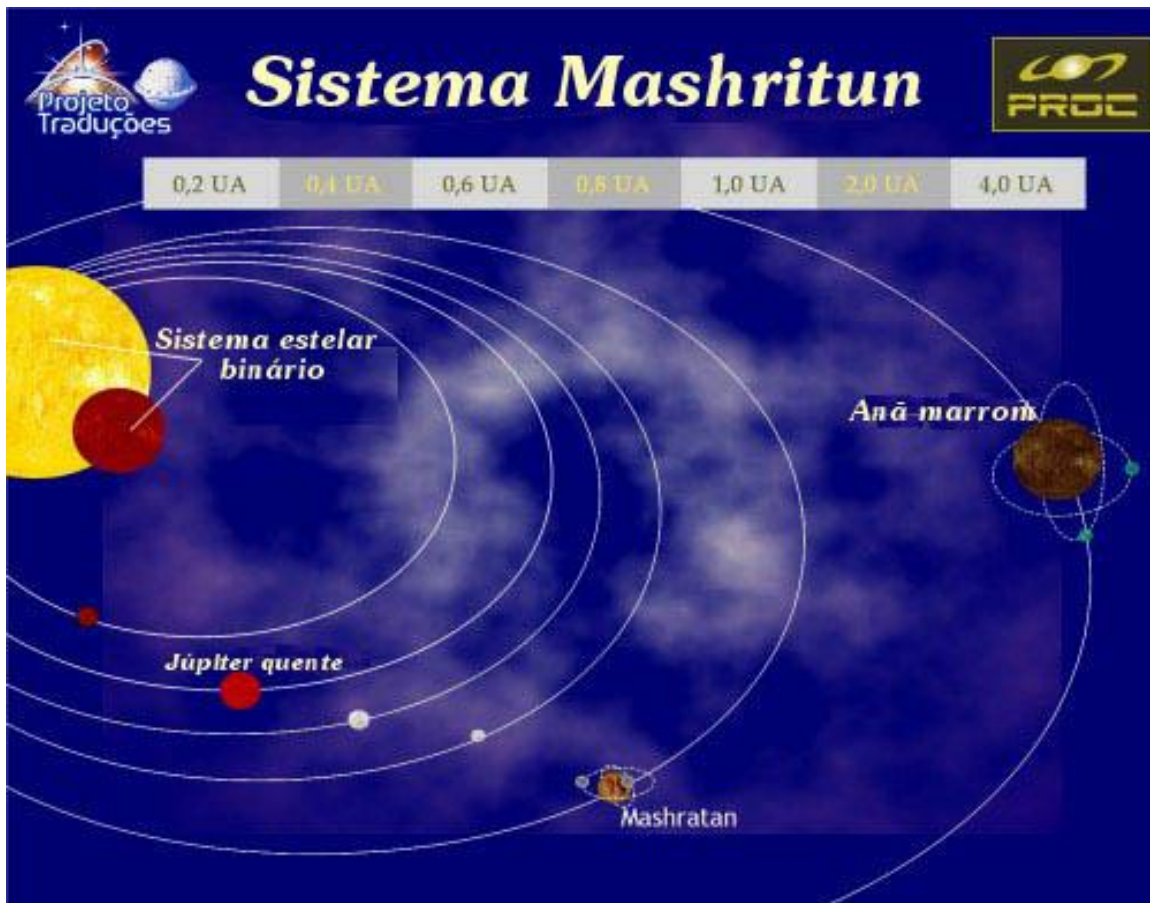
* * *

Assim como o PROC, o fã clube alemão, nós também fazemos o mesmo pedido a todos os leitores: ajude-nos a fazer Dorgon, Perry Rhodan e o Perryverso melhor, estamos à procura de mais colaboradores, sejam tradutores, revisores ou desenhistas. Precisamos de tradutores não só para Dorgon, mas também para artigos, resumos e tudo mais que puder ser usado para enriquecer o Perryverso. Veja esse grande trabalho para trazer o máximo de informação possível em português para o público em geral no nosso site, em nossa presença online em <http://www.projtrad.org/perryverso>.

Márcio Inácio Silva

⁷ Nota do tradutor: o Ciclo Riff será o grande final de Dorgon após a conclusão do Novo Dorgon edição revista, onde haverá a continuação direta sem precisar ser reescrito já que é mais atual e descreve mais vividamente os acontecimentos, o que está sendo feito com essa reedição de Dorgon.

Glossário



Sistema Mashritun

Sistema estelar binário com uma anã marrom como um companheiro planetário. Localização dentro da Via Láctea: quadrante sudoeste, região externa do braço de Perseu.

Distância do Sol: 32.119 anos-luz.

Dados Astrofísicos

Mashritun A / Mashritun B

Tipo espectral: G8V (amarelo) / M6V (vermelho laranja escuro)

Massa (Sol = 1): 0,98 / 0,09

Diâmetro (Sol = 1): 0,97 / 0,37

Temperatura: 5.620 °C / 2.945 °C

Luminosidade (Sol = 1): 0,92 / 0,01

Planetas

6 (incluindo uma “anã marrom”)

Características

Mashritun 1 é um planeta rochoso e, em relação à Terra, com diâmetro de 0,85, gravidade de 0,79 g, distância foco do centro de gravidade de 0,42 UA e temperatura média de 112° C.

Mashritun 2 é um assim chamado “Júpiter quente”, ou seja, um planeta gasoso que caminhou após a formação em regiões exteriores, através de migração, para o interior do sistema e é aquecido pelo sol. Luas não são possíveis neste tipo de planeta.

Os planetas 3 e 4 não têm atmosfera considerável à disposição, de modo que nenhum efeito estufa ocorre e, assim, se justificam as baixas temperaturas.

O planeta 5 é o mundo Mashratan.

O “planeta” 6 é, na verdade, uma “anã marrom” que assume o papel do Júpiter solar dentro do sistema e estabiliza as órbitas dos “planetas internos”. Ao mesmo tempo, ele evitou que mais planetas “externos” pudessem surgir. Ele tem um extenso sistema de 26 luas e forma a sua própria zona habitável através do seu espectro de luz infravermelha. Dentro desta zona existem duas grandes luas, aproximadamente do tamanho de Marte e com uma fina atmosfera, onde a vida vegetal primitiva é possível.

Mashratan

Quinto planeta da estrela binária Mashritun

Distância foco do centro de gravidade: 0,96 UA

Diâmetro: 13.678 quilômetros

Gravidade: 1,04 g (com base no padrão da Terra)

Temperatura: 19° C

Luas: 2 (Hugin e Mugin)

Comentários

Devido à peculiaridade dos sóis binários Mashritun A e B, a temperatura média é mais elevada do que na Terra. Além disso, há um forte efeito estufa com uma maior proporção de dióxido de carbono na atmosfera.

A mudança entre o dia e a noite segue um sistema complicado, devido às órbitas dos dois sóis ao redor do centro de gravidade comum e à inclinação do eixo do planeta em 29°. Devido ao impulso angular inferior em comparação com a Terra, a duração do dia é de 28 horas. A proporção é de três partes diurnas para uma noturna. Enquanto a estrela amarela é elevada no céu, o espectro de luz amarela é predominante. Nas últimas horas do dia, no entanto, o espectro se torna cada vez mais determinado pela anã vermelha. A cor predominante do céu muda de laranja para vermelho-escuro, antes de ambos sóis descerem sucessivamente no horizonte do planeta.

Luas

Mashratan é cercado por duas luas cujas órbitas são compensadas por cerca de 90°. Mugin parece, visto de Mashratan, ligeiramente maior do que a Lua, enquanto Hugin parece ligeiramente menor. A topografia das duas luas é muito parecida com a Lua, ou seja, com crateras moldadas por antigos vulcões e por impactos de meteoritos.

Mugin / Hugin

Diâmetro médio: 3.247 km / 3.821 km

Semieixo maior: 234.128 km / 392.983 km

Tempo de circulação: 19 dias / 39 dias

Pela relativa proximidade das luas, há uma forte amplitude de marés; no entanto, devido à falta de água aberta, afeta apenas o manto do planeta. As consequências são terremotos regulares, pertencentes à vida diária de Mashratan.

Em Mugin há um estaleiro espacial, que pode produzir naves até o tamanho de cruzadores de batalha. Na lua há também extensas posições defensivas em construção, que são controladas centralmente.

Hugin é área absolutamente restrita, à qual somente pessoas legitimamente habilitadas pelo coronel têm acesso. Há rumores de que há extensas construções sendo realizadas sob sigilo absoluto. Sabe-se também que o Império Solar mantinha uma base da frota na lua, que caiu no esquecimento durante os “anos de escuridão”. Se ainda existe, é desconhecido.

Condições de vida

O planeta é um mundo deserto, os recursos hídricos disponíveis são na sua maioria abaixo da superfície. Água livre de superfície é rara e alimentada por mananciais subterrâneos. Apenas nas regiões polares existem mais recursos de água na forma de calotas menores sob extensas dunas. De particular importância são os recursos minerais explorados em poços abertos, muito mais amplos em comparação com a Terra. No centro das montanhas Sainah também se encontram extensos depósitos de hiper cristais que compõem a principal fonte de renda do planeta.

Estrutura topográfica

A topografia de Mashratan é dominada por quatro grandes planaltos que se elevam acima do deserto arenoso, cerca de 200 a 500 metros, e abrangem todo o planeta. Os primeiros colonizadores se referiram a esses planaltos, em memória de sua casa na Terra, como continentes, embora não existam oceanos em Mashratan. Os vastos desertos de areia, que enchiam os antigos oceanos, são ainda largamente inexplorados. Na língua dos mashratanos eles são referidos como o “*vestíbulo do inferno*”. Mesmo os habitantes adaptados ao clima quente não podem sobreviver na vasta planície sem vestuário de proteção adequado, porque pode atingir temperaturas superiores a 60° C. A sofisticada tecnologia do século 13 NCG esbarra em seus limites. Somente através do uso de campos protetores adequados se pode impedir o impacto da poeira microscópica, que é parada pela tecnologia. Assim, a ocupação humana sobre os planaltos de Mashratan é limitada às condições *climáticas*.

Encontram-se nos planaltos continentais vastas cadeias de montanhas com clima comparável à Terra acima de um limite de 3.000 m. Mas também aqui a precipitação é extremamente rara. Os picos acima de 7.000 metros têm geleiras extensas cujo degelo é a principal fonte de água de Mashratan. Nas vastas planícies domina uma paisagem semelhante à dos semidesertos da Terra. No entanto, grandes áreas são dominadas por desertos de areia e cascalho. As únicas fontes de água estão nos oásis, cujas fontes são alimentadas a partir de águas continentais profundas.

As montanhas Sainah tinham um especial papel topológico: elas formavam uma espécie de parede na região polar norte, como a de uma gigantesca cratera. As montanhas formavam três quartos de círculo, chamado de Ártico em memória à Terra. Pesquisas geológicas mostraram que aqui um enorme corpo celeste deve ter atingido o planeta no passado. Uma das teorias atuais assume que deve ter havido uma terceira lua, ou mesmo um asteroide irregular que causou uma catástrofe climática pela sua queda em Mashratan. Estudos mineralógicos têm demonstrado que a extensa perda de água da superfície foi causada por esta catástrofe cósmica há cerca de 70 milhões de anos. A cordilheira é atravessada por amplas camadas de minério, que formam a base da indústria pesada mashratana. Outra peculiaridade de Mashratan é como as placas tectônicas do planeta suportaram o impacto, o que é praticamente um impasse que não pode ser explicado pela ciência até agora.

No entanto, de particular importância para a ascensão econômica e o crescente peso político na cena galáctica de Mashratan, são os extensos depósitos de vários hipercristais, que também foram descobertos nas montanhas Sainah.

O Coronel

Líder do mundo colonial Mashratan

Nome: David Gregory Ibrahim el Kerkum

Data de Nascimento: 25/03/1151 NCG

Local de nascimento: Quadriga, Mashratan

Tamanho: 1,82 metro

Peso: 74 kg

Cor dos olhos: castanho

Cor do cabelo: preto

Característica externa: enrugado, rosto curtido, lábio superior fino e barba no queixo.

Personagem: dominador, completamente seguro de si, irascível e implacável.

Conceitos / cultura / sociedade

O calendário em Mashratan é terrano, ou seja é contado em minutos, horas, dias, semanas e meses. Os mashratanos não reconheceram o NCG e ainda vivem na era dC, porém, subordinada em “tempo geral antes da nova era” e “tempo geral, após a hora da virada”. Havia também tribos que dataram a época de 1971 e tudo na frente dela designado como APP (Após Perry Rhodan). Mas esta forma de tempo não prevaleceu. Através dos seus laços com a Terra, eles tinham acordado com o tempo comum.

Heyill – droga. É destilada num tubo. A fumaça tem o maior efeito alucinógeno. É ingerida de bom grado por agricultores e pastores de animais nas montanhas, oásis e desertos. Nas grandes cidades o uso é menor.

Refry – criatura semelhante à ovelha, mas com seis pernas. Refrys podem ser usados para a produção de lã, a carne não é nenhuma iguaria, mas, se espalhou como alimento em Mashratan.

Kuhun – tem origem nos primórdios da colonização e é um cruzamento genético entre vaca e galinha, para a produção de leite e ovos. Os kuhuns foram libertados após a criação e proliferaram. Para os agricultores o kuhun é a pecuária mais importante.

Yekjab – bastão elétrico que, no topo de uma pequena caixa eletrônica, produz rajadas não mortais, mas dolorosas, de energia. Usado como medida de correção de animais, crianças e mulheres.

Tuffa-jab-jab – a tradicional festa de Mashratan tem origem nos tempos arcaicos da Terra. No período do Tuffa-jab-jab só os homens estão autorizados a celebrar. As mulheres não podem participar. Os homens celebrantes estão autorizados a tomar medicamentos (mas sem álcool) nessa ocasião. Os rapazes dançam e também podem ser explicitamente seduzido. Com variantes, há também uma versão para as moças. A puberdade pode ainda não ter sido alcançada em ambos os sexos. O festival Tuffa-jab-jab também é considerado como um exame de maturidade para meninos e meninas e a possibilidade de mudar o sexo em silêncio e determinar posteriormente, o que eles querem ser, junto com suas famílias. Mas este exame final não é reconhecido pelos teólogos e conservadores. Porque, se um homem decide se tornar uma mulher – ele é para sempre tratado como um impuro. Por outro lado, se uma mulher quer viver como homem, ela é considerada como o Demônio da Mirona Negra e excluída da sociedade.

Yeshi-Jil – o Yeshi-Jil é a cerimônia de casamento. A noiva é vestida com um brilhante campo defletor (o Yeshi-Hihab), hologramas de estrelas podem girar em torno dele. Os clímax da cerimônia é a entrega do dote simbólico do pai da família do noivo e, em seguida, o pagamento para a família da noiva do preço acordado. No círculo familiar, o Yeshi-Hihab é então liberado e é chamada para dançar. Isto é seguido pela comida. Em seguida, o marido e a esposa são abençoados para a noite de núpcias. Esta é talvez a parte mais importante do Yeshi-Jil — porque aqui o marido ainda pode revogar tudo, se a mulher for impura. Eles serão examinados e observados pelos testadores da família (pai e sogro). Se tudo está como deveria ser, ela é aceita pelo homem e recebe a sua marca no ombro, de modo que todo mundo sabe que ela é membro da família e da propriedade do marido. Isto é seguido pela parte religiosa, que é uma mistura de casamento muçulmano, judeu e cristão.

Se, porém, a mulher estiver manchada, o homem pode rejeitá-la e o Yeshi-Jil é anulado. O dote e os bens adquiridos são devolvidos. O custo da comida e da celebração deve ser pago pela família da noiva.

Rabmulla

Nome de um clérigo da religião do “Deus Trino”. Rabmullas se mudam de aldeia para aldeia e são um tipo de monges ambulantes e a mais alta autoridade religiosa para a população rural. Com a idade, eles sossegam e se estabelecem numa vila de sua escolha. A população rural é obrigada a sustentar os “sacerdotes”. Em troca, eles ensinam aos jovens do sexo masculino da aldeia a doutrina do “Deus Trino”.